



(José Alves Visconde COARACY)

GRYPHUS

GALERIA THEATRAL

ESBOÇOS E CARICATURAS

HERMANN FOSSOLLO

RIO DE JANEIRO

TYP. E LITH. DE MUREIRA, MAXIMINO & C., RUA DA QUITANDA III

1884

LIVRARIA E PAPELARIA
TEIXEIRA & IRMÃO
26 Rua de S. Bento 26
S. PAULO

A Henrique Stepple

Se não lhe cabe de todo a idéa da reunião, em livro, destes escriptos, publicados, em mais despreoccupados tempos, no « Mosquito », e de outros ainda ineditos, é aos seus esforços, pelo menos, devida a realização dessa idéa.

Somos, pois, solidarios ambos na responsabilidade desta publicação.

Por isto, e mais pela amizade que me merece, consinta que lhe dedique a « Galeria Theatral ».

Gryphus.

1884.

Não ha de certo offensa onde intenção não houve

SALA N. 1



ACADEMIAS

GALERIA THEATRAL

ESBOÇOS E CARICATURAS

ACADEMIAS

I

A ACTRIZ

(D'après nature.)

A' primeira vista, considerada sem reflexão, tomada no aspecto geral, a actriz parece uma mulher.

Pois não é.

Sómente, como não é tambem um homem (felizmente para as mulheres que não são actrizes), a actriz é muitas mulheres distinctas em uma só verdadeira.

A actriz tem em si todas as mulheres ao mesmo tempo ; é uma e todas na mesma occasião.

Vista á luz da gambiarra, é a personagem que representa, mesmo quando a representa mal.

Cá fóra, sem o reflexo magico daquella luz, representa uma personagem que ella não é, porque

varia conforme a situação, mesmo quando a representa bem.

Cá fóra, ella faz-se a personagem que na acção da peça que representou em scena seduziu o homem a quem ella quer seduzir.

E assim :

E' Eva no Paraiso, se o *Adão* está disposto a engulir o seu caroço ;

E' Agar no deserto comprimindo o filho ao seio, se no homem que a contempla ella presente um pai possivel para a criança que nasceu sem pai ;

E' Arthemisa no tumulo de Mausolo, quando abandonada do amante ou esposo a quem acreditava amar (não lhe sorve de certo as cinzas, mas engulil-o-hia inteiro por uma perna, e mesmo pelas duas, se elle continuasse a viver . . . em companhia della) ;

E' Magdalena arrependida, quando o amante indiscretamente a surprende *amando muito* ;

E' rainha se tem por amante um vassallo, e escrava se o amante se faz senhor.

São estes os principaes papéis, estes e outros, do seu vasto repertório, os que ella representa com mais consciencia, porque suppõe que os não está representando.

Por isso na *comedia intima* não ha actriz mediocre.

São todas vasadas no mesmo molde e machinadas por um systema só.

A mola que se encontra em uma encontra-se nas demais também.

Mais ou menos flexível, é apenas uma questão de tempera.

A chave que serve para dar movimento a uma com certeza serve nas outras : aqui é questão de geito. E' uma especie de *passe-partout*.

Em cada frequentador dos bastidores tem a actriz um adorador.

O ponto está em ella o querer.

Aquelle que o não é hoje sel-o-ha amanhã ; o que não, o fôr nem amanhã, nem hoje, é porque já o foi hontem.

Para a actriz não ha passado.

Vem dahi que o amante do dia faz facilmente esquecer o amante da vespera.

O amante da vespera é para a actriz uma especie de papel de peça já representada ; o amante do dia é o papel da peça nova que se está ensaiando.

•
Tão pouco o futuro não existe para a actriz.

E' por isso que ellas rezam sómente o *Pater-noster*.

Tratam apenas do pão-nosso de cada dia.

Se o pedissem para amanhã, ficariam com o pão duro.

E pão duro em casa de actriz é signal de ruga no canto do olho.

Ora, a ruga no canto do olho é a cousa que mais susto causa á actriz.

De tudo isso que ahi se diz ha comtudo suas aberrações.

Ha com effeito mais de uma actriz que é o que parece ser. Parece uma mulher, e com effeito é uma mulher só.

Defeito do molde, sem questão.

E defeito de que não se corrigem.

Tal virtude é um vicio que se lhes não póde perdoar.

II

O A C T O R

(D'après nature.)

O actor tem os seus pontos de contacto com o resto dos outros homens.

E isto ainda mesmo quando o actor faz de mulher.

Entretanto o actor não é bem um homem.

E antes uma figura.

Mas uma figura que facilmente se desfigura ; que se ageita a todos os papeis : que representa todos os personagens.

Quem vê um actor . .

(Em scena e fóra da scena.)

. . pensa que está vendo através da lente de uma dessas machinas que, postas em movimento, dão variadas fórnas ao retrato que se pospõe ao vidro.

O actor não tem physionomia propria, não tem uma individualidade sua.

O seu *eu* é tomado por emprestimo.

Procure-se em qualquer actor o individuo, e por força se ha de encontrar uma das personagens que elle representou.

Isto quando o actor é bom actor.

Pois, se o actor é máo, dá-se o contrario : em toda a personagem o que se encontra é o actor.

Elle continúa cá fóra, no seculo, o papel que desempenhou lá dentro, no palco.

O unico trabalho que tem é o de adequar-o á situação.

Se o actor é galã, faz sempre de André Roswein junto da dama dramatica.

Ao pé da ingenua é sempre Othelo.

Quando se aproxima do dama central, é o *moço pobre* de Octavio Feuillet.

Conversando com as mãis das actrizes, representa sempre um Desgenais.

E, se é com actriz casada que está fallando, faz de Paulo de Santa Rosa, para tranquillidade do marido.

(Neste caso o marido é que é a *estatuá de carne* em carne e osso.)

O actor que é centro faz de pai junto de todas as actrizes.

Dahi vem que algumas vezes as filhas delle sejam suas netas...

Ou filhas de si mesmas.

O actor comico.. esse não tem figura.

E' apenas uma risada que as actrizes conservam em reserva para atirarem-na á face dos amantes que as enfastiam.

Só ha uma vez em que o actor apparece sem disfarce.

E' quando passa beneficio.

E ainda assim... é conforme a pessoa a quem elle impinge o bilhete.

Fóra dahi, elle está sempre fóra de si.

Ou, se está dentro de alguma cousa, é do personagem que pretende representar.

Succede ás vezes que não cabe todo dentro delle; e então fica de fóra uma pontinha do rabo.

Ha-os até que o que deixam de fóra é o pé.

E o pé do actor saber-se-ha o que é.

No mais, o actor tem todos os vicios e todas as virtudes.

Sómente faz uso delles segundo as exigencias do papel.

•

No entanto ha uma occasião em que o actor
é uma verdade :

E' quando dorme.

Ahi o actor é quasi um homem.

III

O OLHO DA ACTRIZ

E' o único olho este, o olho da actriz, pelo qual não se conhece quem tem lombrigas.

Não é para vêr que a actriz tem olho, mas tem olho para ser visto.

Dahi vem que toda a actriz, com excessivo abuso da cortiça queimada, do nankim e do grampo enfumaçado, faz de cada olho que Deus lhe deu um olho que ella dá ao demo.

De todos os órgãos que a actriz possui é o olho o que ella mais tem em vista.

E' que ella sabe que no olho é que está toda a sua força, e prepara-o, e enfeita-o para quem lhe deita o olho.

E, cousa celebre, que bom é não perder de olho!

•

Ao passo que a actriz procura diminuir todas

as suas proporções, aleijando os pés em sapatos impossíveis, martyrisando as mãos em mais impossíveis luvas, comprimindo a cintura, arrochando o artelho, occultando a testa, escondendo o seio, ao passo que assim se mingua aos olhos de todos, lança mão de todos os artificios para tornar bem grande o olho.

Por mais myope que seja a actriz, em presentindo algum olho fito nella, arregala logo o olho.

A actriz é tão zelosa do olho, que, por mais confiança que tenha em si, ou por maior que seja o abandono que de si faça, não dá passo sem que tenha um olho atraz, outro adiante.

Para a actriz, é o olho a menina de seus olhos.

E', pois, como se está vendo, no olho que se resume a actriz.

Se a actriz tem cabellos louros, ou sejam seus ou sejam postiços, e pinta de louro as sobranceiras e as pestanas como faz a Sra. Aurora, o seu olho é olho do sol.

Se tem o olhar compadecido e cheio de promessas quando se volve, como o olhar da Sra. Ismenia, é o olho da Providencia.

Se o olhar é aspero e cheio de espinhos que se cravam em quem os mira, como succede com o da Sra. Ignez, é olho de canna.

Se é olho de actriz madura, a cuja vista nada escapa, como o olho da Sra. Mathilde, é olho de lynce.

Se é inquieto e não se fita em nada, mas de uma olhadella só passa em revista a platéa toda, como o da Sra. Rosa Villiot, é olho vivo.

Se é olho desconfiado, que pensa estar dando no olho de todos, como uma claraboia batida do sol, e como usa a Sra. Vicencia, é olho de boi.

Se é de actriz que depois do ensaio, em vez de ir passar os olhos no seu papel, percorre as lojas a espiar nas vidraças, passando uma vista d'olhos aos objectos expostos, como faz a Sra. Gilda, é olho da rua.

Se é molle e de brilho extinto, e chora nas situações patheticas do drama que se representa, como o olho da Sra. Adelaide Amaral, é então um olho d'agua.

Fechando os olhos ao olho das demais actrizes, não deixarei de recommendar que com tal olho cumpre ter o olho aberto.

IV

O PÉ DA ACTRIZ

I

Muito se tem escripto ácerca do pé em geral, e mesmo do pé em particular. Em prosa e em verso tem-se tratado deste assumpto, e já dous amigos meus, dous poetas, puzeram um pé em musica.

Tem, pois, o pé sido pé para todos os generos de manifestações.

Entretanto ninguem ainda se occupou com especialidade do pé da actriz, sendo este pé todavia o pé que está mais á mão.

Implica elle muito com as mathematicas, de continuo joga com ellas, e no entanto faz falhar todas as regras das sciencias exactas.

Um pé é sempre um pé ; mas o pé da actriz não é um pé commum.

Uma conheço eu, que, não só não tem o pé commum, mas até tem-n'ó como dous.

E creio mesmo que tem dous pés.

Ora, se neste assumpto não falhasse a mathematica, quantos pés ella teria?

Armemos sempre a proporção:

$$1 : 2 :: 2 : X$$

Felizmente a mathematica falha aqui, e este X não é igual a 4.

Quando muito, estes 4 pés seriam 4 pés indistinctos em dous pés verdadeiros.

Outras artistas conheço tambem que mettem os pés pelas mãos.

Essas, de ordinario, usam de botas de couro.

O que é uma felicidade.

Se as usassem de pellica, ficaria a gente sem saber o que era bota, o que era luva.

O pé da actriz não é pé que se esconda. E' um pé que pisa sempre mais alto do que a platéa.

D'ahi a necessidade que tem a actriz de ter pé bem feito.

Ou, pelo menos, de fingir que assim o tem.

Diversos têm sido os processos inventados por ella e por ella usados para conseguir aquelle fim.

Uma, que por experiencia sabe que o banho de pedra hume aperta... as gengivas, entre o mais que aperta, dormia com os pés mettidos em banho de pedra hume.

Outra, antes de calçar as botas, tirava as meias, para o pé parecer mais fino.

Estes e outros processos cahiram todos em desuso depois que foram conhecidas as botas do fabricante Ferry.

A actriz que tem pé grande acha recurso nessas botas.

(Aviso á Sra. Luvini e á Sra. Ignez.)

As botas de Ferry são fabricadas nas seguintes proporções :

Terço e meio para a sola, meio terço para o tacão e o terço restante para o calcanhar.

Para melhor demonstração :

Supponhamos um pé que calce 42.

(Não me refiro ao pé da Sra. Ignez ; fallo de um pé 42 e não de um 43. Já se vê que não alludo ao della, nem tão pouco ao da Sra. Luvini, que orça pelos 44.)

Proseguindo na demonstração :

Para um pé 42 teremos, por aquella escala :
21 pontos de sola, 7 pontos para o tacão e para o calcanhar 14 pontos. Total, 42.

E assim fica o tamanho do pé reduzido (apparentemente) sómente a 28 pontos.

Como, porém, na parte trazeira o tacão afina para a base, esse tamanho ainda póde reduzir-se mais.

Formando o declive da parte superior do tacão para a base um angulo de 45 grãos mais ou menos, poderemos subtrahir do meio terço destinado ao tacão uns 3 pontos seguramente.

Teremos como resultado o pé de 42 pontos reduzido a 25, isto é, a pouco mais de metade, ou a metade e mais quatro.

(A apostar que a Sra. Ignez arregalou o olho!)

Conclue-se, por conseguinte, que as botas do fabricante Ferry arruinariam os boticarios, acabando com a casca de romã e a pedra hume, se, felizmente para os boticarios e infelizmente para ellas, as actrices de pé grande, as botas de Ferry apertassem tambem as gengivas.

Em todo o caso, é devido a essas botas que no theatro ha tanto pé pequeno.

Não fiar nelles, porém!

O pé da actriz, torno a dizer, não é um pé commum.

Tem o seu tamanho intrinseco, e o seu tamanho nominal.

O pé da actriz é um pé pelo qual não ponho a mão no fogo.

E' um pé em que se deve ter mão.

II

Especializando este pé, foi de um modo geral que delle tratei.

Parece-me que ficaria incompleto esse estudo se não apresentasse em seguida, a nú, fóra da bota e sem meia calçada, alguns pés de actrizes dos mais conhecidos.

Eil-os, pois :

I

O pé da Sra. Luvini

A' tout seigneur tout honneur.

Este pé é respeitavel por todos os motivos. Comprimento, espessura, feitio, peso bruto, tudo nelle é grandioso, e dá-lhe direito ao primeiro logar.

Este pé não é um membro da Sra. Joanna Luvini; a Sra. Joanna Luvini é que é um membro delle.

•

Não foi feito para sapato, e ainda menos para botina.

E' um pé obrigado á chinella, e á chinella de tapete, sem salto e de sola e vira, para preservar da humidade os intestinos de sua dona.

E' molle, não tem osso, não tem nervo e alonga-se por ahí além.

E' um pé architectonico ; é a medida a que os constructores chamam — pé direito.

II

O pé da Sra. Gilda

E' elastico este pé.

Foi feito para todos os sapatos, sobretudo para os sapatos de borracha.

Não obstante o seu feitio de ferro de engommar, torce-se todo e para qualquer lado.

Tão maleavel como é, se não fôsse inteiro, era um pédaço.

III

O pé da Sra. Isabel Porto

E' curto e grosso.

E' tão roliço, tão redondo, que parece um pé de repolho.

Pela sua fôrma arredondada vê-se bem que é um roda-pé.

IV

O pé da Sra. Helena Balsemão

E' grosso, é espesso, é aspero e encouraçado.
Tem o calcanhar dobrado, como meia ingleza de algodão crú.

Pelo que, dispensa sempre contraforte no sapato.

Pisa rijo e esmigalha quanto pisa.

Este pé é u'a mão de pilão.

4

V

O pé da Sra. Elisa

Custa a vêr-se este pé; mas sabe-se que não só não é delgado, como mesmo é muito duro.

E' mesmo rijo como um páo.

No theatro em que ella representa é o unico pé que ha.

IV

O pé da Sra. Aurora

Não é grande, nem pequeno; não é chato nem comprido.

Distingue-se pelo esporão que tem no calcanhar e pelos cabellos que tem nos dedos, da mesma côr dos que usa na cabeça.

E' um pé louro.

Se fôsse menor, seria um pé lourinho.

VII

O pé da Sra. Ismemia

35 pontos dentro de casa; *en ville*, 33 apenas; na scena e quando sahe de carro sómente 32.

E' um pé de pisar ovos.

Tem feitio este pé, e delle dizem cousas!...

E' um pé de fazer febre.

No emtanto, em vez de fazel-a, devia cural-a, pois que é pequinino.

VIII

O pé da Sra Apollonia

A dar-se credito ao que deste pé disse um poeta, é elle tão imperceptivel, que é sem duvida um pé de vento.

Depois que foi posto em musica, ficou sendo pé de cantiga.

Mas tantas são as almas que se têm derretido pisadas por este pé, que eu o acho um péccadinho.

IX

O pé da Sra. Lucinda

Calçando sempre, em todas as peças que representa, um sapatinho de setim, e sempre pisando a passo igual, é um verdadeiro pé de igualdade.

X

O pé da Sra. Clelia

Não tem dedos, nem calcanhar; é simplesmente o fim da perna.

E' uma ponta, é um ponta-pé.

XI

O pé da Sra. Adelaide Amaral

Se de agua se pudesse fazer alguma coisa que tivesse a fôrma de um pé, teríamos neste um pé d'agua.

Teríamos mesmo um pé diluvio.

XII

O pé da Sra. Vicencia

Não é um pé, é uma peanha.

Tem tantos altos e baixos e excrescencias, que parece uma penca de bananas.

Pelo menos, é um pé gelado.

Não é possível que caiba em sapato. Aquelle pé está bradando sempre :

— Olha essa sandalia que saia!

Com seus callos e joanetes, este pé é um pé de cura.

XIII

O pé da Sra. Ignez

Para este pé não ha fôrma, nem sapato feito.

Tambem não é um pé, é um pedestal.

Pela fôrma, é um pé cubico ; pelo tamanho, se a taboada de Barker não mente, é um pé craveiro.

Em ultimo caso, é o pé deste artigo.

V

A MÃO DA ACTRIZ

E' muito natural que se falle na mão da actriz depois de se lhe haver posto a mão no pé. E' uma idéa que acode logo do pé para a mão.

Como o pé, a mão da actriz é tambem uma especialidade.

Mais posta em evidencia do que o pé, tem como esta necessidade, ás vezes, de occultar-se. E, assim como o pé tem por si a bota, a mão tem por si a luva.

Na actriz não se deve, pois, procurar a mão; a luva é que se deve olhar.

Quasi todas, desde a mais gorda até a mais magra, isto é, desde a Sra. Helena Balsemão até a Sra. Luvini, desde a de pé maior até a de pé mais pequeno, isto é, desde a Sra. Luvini

até a menina Coulon, todas as actrizes calçam letra Y.

E isto por uma razão:

Perante a luva todas as mãos de actrizes são iguaes.

Resulta dahi que dentro daquellas luvas esconde-se muito aleijão.

A luva da actriz é feita para duas phalanges dos dedos sómente; o resto vai á conta do braço.

Quem quizer julgar do verdadeiro tamanho da mão de uma actriz deve contar-lhe os botões da luva; quanto maior fôr o numero destes, maior será o tamanho da mão.

Não ha consequentemente actriz de mão grande, como não as ha tambem de mão pequena. Tudo é.

Apparentemente, já se vê, quando à mão está enluvada.

Fóra da luva, a mão é outra.

Vejamos algumas dessas mãos.

A da Sra. Helena Balsemão...

(Apontamos esta em primeiro logar, por ser a mão que fica mais ao pé.)

... embora gorda e rechonchuda, ou talvez por isso mesmo, vê-se bem que fôï feita para estar com a mão na massa.

Um tanto molle e encaroçada, não é boa, é má mão.

Tambem á mão de semear nos fica a da Sra. Aurora.

Essa, porém, esconde-se tanto que difficil é dizer o que seja. Se algum dia a Sra. Aurora descalçar a luva, diremos então o que essa mão é, se fôr mão.

A mão da Sra. Ignez tem cinco dedos, não obstante ter espaço para dez.

Afóra o tamanho, é elegante, e quasi póde-se dizer que foi feita á custa do pé.

A mão da Sra. Luvini :

Anda em taes apertos esta mão, tão comprimida na luva, tão prensada, tão mettida na encospia, que é um verdadeiro aperto de mão.

A Sra. Lucinda não deixa vêr bem a sua mão.

Agita-a tanto quando falla, torce tanto uma na outra, de modo que não se sabe bem si é mão que tem a Sra. Lucinda, si *mões*.

Da Sra. Vicencia de Moura só se conhece a canhota ; no entanto dizem que a outra faz muito bem.

Mas é tão secca, tão mirrada aquella mão,

que todos os bens que ella faça devem ser bens de mão morta.

A's mãos de outras actrizes damos de mão, parecendo-nos sufficiente o que ahi dissemos para concluir que é a luva que faz a mão.

VI

O PÉ DO ACTOR

Se ha pé que mereça bem ser posto em pé no tapete da apreciação, é sem duvida alguma o pé do actor. Esta asserção está em pé.

O pé, seja grande ou seja pequeno, pertença a este ou áquelle individuo, de qualquer raça, de qualquer familia ou classe que elle seja, é sempre considerado como um simples ponto de apoio para a alavanca da locomoção.

Com o pé do actor é differente.

Serve-lhe ás vezes para caminhar; mais frequentemente, porém, para recuar é que elle serve.

Ha-os tambem, e não são poucos, que nem para recuar, nem para caminhar: servem unicamente para fazer finca-pé.

Não ha actor que junto á galã, ao pé da ingenua, e mesmo aos pés da pesada dama central, não faça o seu «pé de alferes».

E' sina que o acompanha, desde que poz o pé no theatro até mesmo depois que a idade lhe poz o pé na cara, pondo-lhe ao pé dos olhos os enrugados pés de gallinha.

Para elles tudo é pé.

Ha actor que entra em scena com o pé direito, e no entanto caminha torto.

Outros andam ahi de cabeça em pé, e não sabem onde têm o pé nem a cabeça.

Alguns, fazendo da arte uma cousa sem pés nem cabeça, affrontam os pés dos espectadores e lhes vão passando o pé.

Ha-os até, Deus lhes perdôe, que, mettendo os pés pelas mãos, vão mettendo os pés na arte, e sem que ninguem lhes metta os pés.

Só em uma cousa se conservam no mesmo pé: é no medo aos pés dos espectadores.

Depois que se inventou a bota Ferry, como ficou demonstrado, o pé da actriz é igual perante a bota.

Com o actor dá-se o contrario ; perante o pé do actor toda bota é igual.

Porquanto, o pé do actor é para todas as botas.

E' uma especie de pé de defuncto, para o qual serve todo o chinello velho.

O pé do actor vai com tudo quanto é calçado.

Desde o chinello até o cothurno, desde o sóco saloio até a bota de polimento, o actor mette os pés em tudo.

Não foi da morte que se escreveu, foi do actor que se disse: *equo pulsat pede*...

O pé tem conseguintemente grande influencia no character do actor.

Pelo dedo se conhece o gigante, diz o rifão. O actor—que não é gigante—se conhece pelo pé.

Exemplos :

Se o pé pertence a um actor pontual á hora do ensaio e á hora da representação, mesmo quando a empresa não está em bom pé, é pé firme.

Se é de actor carola que vai á missa, pega na tocha, lê o *Apostolo*, e se persigna antes de entrar em scena, é pé de altar.

Se é de actor que escova os dentes e calça meia limpa por dentro da bota, é lava-pé.

Se é de actor que beija a mão á dama galã, fitando ao mesmo tempo olhares ternos no pé da ingenua, é pé leve.

Se é de actor que se não dobra ás observações da critica, fallando sempre no theatro antigo, é pé de boi.

•

Se é de actor bisbilhoteiro, contador de novidades, é busca-pé.

Se é de actor que lisongeia a empresa e faz festinhas á empmezaria, é rapa-pé.

Se é de actor infeliz, que tem chuva em noite de beneficio, e só faz côrte ás comparsas, é pé rapado.

Emfim, tomando pé neste mar de pés, chega-se a esta conclusão :

E' no pé que está o actor.

Disto não ha que arredar pé.

SALA N. 2



DESENHOS DE FIGURA

DESENHOS DE FIGURA

I

O GALÃ

O galã é ordinariamente moço e bonito (com licença do Sr. Eugenio Magalhães).

Isto não quer dizer que os não haja feios (sem licença do Sr. Dias Braga).

O traço mais característico do galã é o de conquistador nos bastidores (com e sem licença de todos elles, incluindo o Sr. Galvão).

E' que o galã representa sempre: na scena e fóra da scena.

Alguns ha tão apurados, que chegam á perfeição de representar mais, e mesmo melhor, fóra da scena do que dentro della.

E' uma questão de habito, amor da arte, applicação ao estudo.

Quasi todos têm as pernas finas (sem allusão ao Sr. Galvão, nem elogio ao Sr. Medeiros).

O galã usa sempre de bigode, e quasi sempre conversa bem.

(Este *quasi* não é offensivo ; é para lhe não offender a modestia.)

Tambem pudera não conversar bem ! Para que lhe servia então representar em tantas peças ?

Ao menos, esse proveito.

Conversa bem, e não traja mal.

Qualquer, porém, que seja o vestuario, lá vem esta ou aquella cousa que serviu-lhe na ultima peça representada.

Em compensação, alguns delles, em qualquer que seja o papel que representem, trazem a mesma cara que lhes serve cá fóra.

Em um e outro caso, é uma questão apenas de economia.

Não se lhes deve, portanto, levar á mal.

O galã dramatico tem habitos que o distinguem dos demais artistas.

Entra no palco para ensaiar como entra em scena para representar : com imponencia.—E' um Rossi.

E' amavel para com as ingenuas, delicado para com as demais damas, e áltivo para com os

collegas: galanteios para aquellas, seriedade para estes.—E' um Salvini.

Em scena olha muito para os camarotes e pouco para a platéa.—E' um galã.

Deita-se tarde e levanta-se mais tarde ainda.—E' um preguiçoso.

Não frequenta os cafés onde os outros artistas se reúnem.—E' inimigo da confusão de classes.

Não assiste, no seu theatro, aos espectáculos em que não entra.—E' egoista.

Não lê jornaes senão no dia seguinte áquelle em que faz algum papel novo.—E' um espirito superior.

Ultimo traço.—O galã é quasi sempre solteiro ; e, se alguma vez é casado, é quasi sempre com mais de uma mulher.

II

A INGENUA

E' como ingenua que quasi sempre começam as damas a sua carreira artistica.

Entretanto não ha no theatro dama mais velhaqueta e maliciosa do que a ingenua.

Em tudo isto, já se vê, exceptua-se a Sra. Anna Costa.

Essa foi sempre ingenua: antes, durante e depois.

Antes, durante e depois da sua gordura, entenda-se.

Como antes, durante e depois da sua magreza, foi, é e será ingenua a Sra. Vicencia de Moura.

E' isto, porém, excepção.

A regra é deixar de ser ingenua quando chega a epocha das gorduras a mais banhas.

Exemplo: a Sra. Ismenia.

A ingenua tem obrigação de ser airosa, nem gorda, nem magra, travêssa, risonha, petulante.

Temos a ingenua triste e a ingenua alegre.

Alegre, porém, ou triste, a ingenua apaixonase quasi sempre pelo galã.

O que não a impede de apaixonar-se por outro qualquer galanteador extra-proscenio.

Por outro qualquer, ou por outros quaesquer.

Não ponho aqui um exemplo para lhes não offender a modestia, a ellas.

Ha ingenuas que, a exemplo dos galãs, representam melhor cá fóra do que lá dentro, no palco.

Quasi sempre, porém, a ingenua lá de dentro é a maliciosa cá de fóra.

Tem uma vantagem.

Julgam-n'a sempre pelos papeis que representa e entregam-lhe sem escrupulos o coração.

D'ahi a vida aventureosa da ingenua.

O seu genero de trabalho é uma armadilha.

Quantos não se têm apaixonado pela Sra. Apollonia, por amor da ingenuidade de seus sorrisos!... E no entanto..

Quantos não têm suspirado pela Sra. Adelaide Amaral, por amor da ingenuidade de suas lagrimas!

Quantos não têm perdido a cabeça, por amor

da ingenuidade, do desabrimento e da gordura da Sra. Isabel Porto !

Nos nossos theatros a ingenua é quasi sempre *la première venue*.

A Sra. Ismenia representou a Gretchen do *Remorso Vivo*.

Verdade é que fez depois, e no mesmo drama, a mãe de si mesma.

A ingenua morre ingenua.

A Sra. Jesuina ha de sel-o sempre, em que peze aos seus cabellos brancos.

A propensão da mulher de theatro é toda para esse genero de trabalho.

A vocação é que não é.

Se os bastidores fallassem, quantas rixas, quantas disputas narrariam por causa dessa ingenua propensão.

Ha ingenuas *soubrettes*.

Esse dominio tem sido invadido por todas as nossas actrices, desde a Sra. Vellutti até a Sra. Adelaide Pereira.

Uma cousa, porém, dá que pensar :

De todas as mulheres de theatro as que produzem mais são as ingenuas !

São as que têm mais filhos.

Verdade é que ellas são tão ingenuas !...

III

O PAI NOBRE

Eis um desenho que tem sempre o cunho de antiguidade.

Tanto mais antigo é, porém, quanto mais moderno busca parecer.

Apezar de seus esforços, todos os vestígios de mocidade têm desaparecido.

Todos não:

A garridice fica-lhes sempre.

Procurem o pai nobre no theatro. Hão de achal-o sempre ao lado da ingenua.

E' possível que assim não seja na peça; mas fóra da scena é com certeza.

O pai nobre é uma especie de rato de botica.

E por isso mesmo os *frasquinhos* de que elles se approximam ficam com a substancia que lhes é conteúdo intacta; mas o rotulo, esse fica roído sempre. • .

No theatro, entre os companheiros, o pai nobre é um censor continuo.

O trabalho dos outros artistas não presta nunca.

Peça que não seja vestida a caracter não lhes agrada.

E' bom todo o drama de capa e espada. E, se ha sangue derramado. . . isso então ! . . .

O pai nobre, apesar da sua antiguidade, ou talvez por isso mesmo, é sempre robusto e pesado.

Confirma esta regra o Sr. Heller, como excepção.

Como exemplo, ahí está o Sr. Arêas.

São sempre casados, os pais nobres.

E bons pais de familia, honra lhes seja feita.

E, honra lhes seja feita tambem, são pessimos amantes.

Nesta qualidade tomam ares de barytonos: gritam porque pagam, e com razão.

Pois que ha sempre um tenor a cortejar-lhes as damas.

O tenor aqui pôde não ter razão para fazer aquillo; essa razão, porém, é que não se pôde negar á dama que aceita a côrte do galá.

O pai nobre ordinariamente falla grosso. E' uma obrigação.

•

Declama o papel que representa. E' um habito.
Crítica do trabalho de seus collegas. E' uma
serrilha.

Finge paixão pelas ingenuas. E' um consolo.
Todo o pai nobre tem uma divisa; e essa
divisa é a mesma para todos.

São estes dous versos de Camões:

E' melhor experimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não puder experimental-o.

E' que o pai nobre experimenta sempre.
Exceptua-se o Sr. Gusmão: esse, nem expe-
rimenta, nem julga.

E', pois, o pai nobre o unico artista que tem o
direito de ser na rampa aquillo que é cá fóra.

Isto por uma razão: elles cá fóra não podem
ser senão aquillo que são na rampa.

E já não é pequena a concessão.

IV

A DAMA GALÃ

E' em todos os theatros a figura mais respeitada, embora não seja sempre a mais respeitavel (sem allusão, nem exemplo).

Não depende, ordinariamente, o merecimento deste desenho da tela em que é traçado, mas da moldura que o encaixilha.

A dama galã é no theatro uma especie de *manipança* em casa de feiticeiro.

Occupa sempre o melhor lugar e o mais saliente, sendo de ordinario esse lugar o coração do empresario.

Esta regra é geral, e o que faz duvidar della é não haver excepção que a confirme.

A dama galã é sempre senhora de boas carnes, e não poucas vezes de boas banhas. Para não ir mais longe, a Sra. Leolinda, a Sra. Ismenia.

Se a Sra. Viçencia não fôsse tão magra, era com certeza dama galã.

A dama galã, o mais das vezes, é casada.

Algumas ha que o não são, sem que comtudo sejam solteiras. Estas então enviuvam frequentemente.

Questão de habito: é de casadas que representam quasi sempre!..

A idade da dama galã nunca excede dos trinta annos.

Não é que morram antes; mas d'ahi em diante não contam mais.

Exceptua-se desta regra a Sra. Adelaide Amaral.

Essa chega mesmo á modestia de augmentar os annos que tem, confessando cincoenta e dous, quando é sabido que só lá para o mez que vem ha de fazer cincoenta e um.

A dama galã é a unica artista em quem não tem influencia a luz da rampa e das gambiarras.

Cá fóra é como lá dentro.

Dir-se-hia uma belleza encruada.. Belleza ou fealdade.

E' por isso que não se sabe se ellas pintam-se ao entrar na scena, ou quando della sahem.

Isto verifica-se ao primeiro encontro com a Sra. Ismenia.

Basta olhar-lhe para os cabellos ; não precisa vêr-lhe o rosto . . . nem o rosto, nem o resto.

A classe a que pertence a dama galã á a mais abundante que possuem os nossos theatros.

Temos as Sras. :

Adelaide Amaral ;

Helena Cavalier ;

Dita Balsemão ;

Ismenia dos Santos ;

Joanna Luvini ;

Leolinda Amoedo ;

Vicencia de Moura (de vez em quando) ;

Balbina (de quando em vez) ;

Anna Chaves (só nas provincias) ;

Etc., etc., etc.

E deste modo chegará um dia em que não teremos coristas, nem comparsas.

Mas, em compensação, teremos damas galãs para o consumo e para exportação.

A dama galã é, em resumo, um desenho lithographado de que se tiraram muitas provas, umas menos, outras mais borradas ; umas peor, outras melhor illuminadas.

Questão de tinta e de pincel.

Em todo caso, é uma *illuminura* que os em-
prezarios penduram sempre na sala de visitas.

V

A DAMA CENTRAL

E' o *pendant* do pai nobre. Ao lado de um encontra-se sempre o outro.

Como gravura, é uma gravura tôsca sobre madeira, e encardida pela antiguidade.

Como pintura, é uma téla pallida, descorada e sem vigor.

Não ha retoque, nem restauração possivel para essas télas, já gretadas e sem verniz.

No theatro, hão de vêl-as o mais das vezes na sombra, procurando os effeitos de luz.

Quem não fôr entendido toma-as então por algum *Rembrandt*; não passam no entanto de um estudo sobre *natureza morta* (lêa-se — natureza *feia*); e, ainda assim, esboçado a cola em painel de lona.

Approximem-se, e verão os borrões da brocha do scenographo. ●

E' por isso que os ensaiadores, marcando a peça que poem em scena, atiram-n'as sempre que podem para os ultimos planos.

A's vezes, ellas vêm á rampa.

Nessas occasiões, os musicos da orchestra sacodem sempre pó de arroz que lhes cae nas casacas.

Pois que o pó de arroz não tem maiores consumidores (não fallando no collega A. de A. da redacção do *Figaro*).

O pó de arroz e o carmim, eis o triumpho para as damas centraes.

Foram inventados para ellas.

Ou ellas foram inventadas para elles.

Com aquelles dous productos da perfumaria, uns tres ou quatro dentes postiços e um frasco de tintura preta para o cabello, obtem-se uma dama central.

Toda a dama central parece feita de rôlha.

Mas de rôlha já servida em garrafa de cerveja nacional.

Não é, ordinariamente, nem magra, nem gorda; mas é fôfa. . especie de almofada cheia de paina, ou *omelette soufflée*.

A dama central tem quasi sempre uns fios de barba no queixo.

Outras usam de bigode. Exemplo, a Sra. Joaquina Passarola.

Commummente, porém, fazem uso da navalha.

Exceptuam-se as Sras. Anna Costa e Chica Monclar, as quaes usam da pomada epilatoria.

Por isso dizem que são lisas que nem velludo !

Lisas e lustrosas.

Outra cousa, que é commum nas damas centraes :

Atiram-se aos vicios como os homens.

O vicio, porém, que mais predomina nellas é o charuto.

Fumam cada tabuco ! . . .

Menos a Sra. Elisa : esta gosta de tomar a sua pitada, e traz sempre comsigo a sua boceta.

Ainda um ponto de contacto têm as damas centraes com os pais nobres.

E' nas preferencias amorosas.

Quasi sempre buscam ellas os seus amantes entre os rapazes de 18 a 24 annos.

Podem ter outros dos 40 para cima, mas sem nunca dispensar aquelles.

E' assim que ellas pretendem não se desprender da mocidade que lhes foge.

No trajar a dama central usa de côres vivas e flammejantes. •

E' o meio de dar na vista.

E por isso attrahem a attenção em qualquer galeria theatral.

Onde são sempre representadas em fórma de medalha antiga.

VI

O COMICO

E' quasi sempre uma mascara de papelão, figura moldada em *carton-pierre*, chromo-lithographia destinada ás salas de jantar.

A arte divide o comico em tres classes distinctas : o galã-comico, o centro-comico e o baixo-comico.

Esta ultima figura é a mais commum, e a que se reproduz em maior numero de exemplares.

O galã-comico faz-se; o centro-comico é feito; o baixo-comico, porém, nem é feito nem se faz : nasce prompto.

Quando sai do ventre materno, não é um vagido o que solta : faz uma momice, um tregeito, uma careta que provoca o riso da parteira.

O galã-comico e o centro fazem rir representando.



O baixo-comico faz rir antes de começar a representar.

Por mais serio que elle seja e se porte ou finja, ao encaral-o na rua, a gente acha motivo para rir.

O centro e o galã-comico, são-n'osómente durante a representação.

O baixo-comico é sempre comico: no theatro e fóra d'elle.

O comico é, pois, uma figura risonha, tal qual, sem tirar nem pôr, a do bazar da rua dos Barbonos.

O theatro pôde existir sem qualquer das outras figuras no seu elenco; sem o comico é que não.

Theatro sem artista comico é pateo de bichos sem macaco.

A nenhum dos outros artistas é licito sahir de seus papeis; ao artista comico tudo é licito. Ainda mais: se o comico não sai do seu papel, arrisca-se a cahir no desagrado e não ter as palmas do costume.

No theatro o artista comico (sem comparação nem idéa de offensa) goza das mesmas regalias que eram attributo dos bôbos nas côrtes antigas.

Ninguem se importa que elle ria ou chore; o que se quer é que faça rir, embora faça rir com as suas lagrimas.

O artista comico é sempre o *enfant-gaté*, o *Ai Jesus!* de seu theatro.

As conquistas são-lhe faceis.

Talvez por isso mesmo é que não duram muito.

Não é por elles, é por ellas.

A amante do artista-comico faz-se publico : desde que elle não a faça rir . . . era uma vez !

O comico é, portanto, uma caricatura, uma mascara de carnaval.

Não é um quadro, é um brinquedo.

Se algum se apresentar como estatua, procurem bem : hão de acabar por descobrir-lhe os cordeis.

Não passa de um boneco.

VII

A DAMA CARICATA

Uma figura de louça fingindo porcellana.

Encontra-se sempre nós apparadores das salas de casas burguezas, e á mesa do jantar servindo de paliteiro.

Quando se vestem e poem chapéo á cabeça, semelham as jarras grosseiras, destinadas aos ramalhetes de malmequeres e mangericão.

Em casa trazem sempre á cintura uma figa de raiz de fedegoço, e á orelha o seu raminho de arruda.

Em não estando arrebicadas, parecem feitas de gêsso, mas já carunchadas pelos pingos da chuva.

Quem as encontra nas caixas dos theatros acredita ter-se despregado lá de cima, das ornamentações da sala, alguma cariatide roida pelo cupim.

•

O que ninguém crê é que sejam feitas de carne e osso.

Póde-se afirmar que sahem assim das officinas do adrecista para occupar o logar nas prateleiras da contra-regra.

Por fóra é papelão e cal ; por dentro são ôcas.

E, se alguma se encontra cheia, é de vento.

Algumas ha feitas de osso sem carne.

A Sra. Elisa, por exemplo.

Aquillo é osso, e osso magro, com pelle de bexiga de boi grudada em cima.

Outras são de carne sem osso, como a Sra. Velluti, que é feita de bofe.

Ha-as tambem de nervo. Ahi está a Sra. Vincencia.

Estiquem-n'a, estiquem-n'a bem, entre um cavallete e uma cravelha de rabeção, e hão de ouvir que som !

O Sr. Cyriaco, o *Homem que ri*, aproveite-a no primeiro *Requiem*.

As damas caricatas pertencem todas (nem carece dizel-o) á velha guarda.

Vê-se logo pelo bolor.

Cada uma dama caricata (caracteristica, dizem-se ellas) é uma fatia de boão inglez já mofada.

Isto não quer dizer que não presta ; ou, se o

quer dizer, diz tambem que já foi antes muito boa fatia de pão de ló.

Sómente não foi comida (o que é uma prova de virtude); mas foi roida pelas baratas (o que é uma prova de não ter sido bem guardada).

No entanto, ha muita gente ainda que gosta da sua fatia da rainha.

E as fatias da rainha, como se sabe, são feitas de pão de ló velho.

De todas as damas de theatro é a dama caricata a unica que não tem ciumes das companheiras.

Em relação á arte, entenda-se; pois em relação ao amor são de uma inveja! . .

Exceptua-se a Sra. Clelia, quanto á ultima parte.

Essa deita ainda seu amor platonico.

Do que resulta de vez em quando o nascimento de um Platãozinho.

Toda dama caricata é reformada; algumas, porém, recusam a aposentadoria e optam pelo serviço activo.

Veja-se a Sra. Passarola! que actividade aquella!

E' que tem molas de boa tempera, refractarias á ferrugem e com os bronzes bem azeitados. Não ha azinhavre que lhe pegue.

A Sra. Passarola não é feita de pó de pedra, nem de gesso, nem de papellão; é de barro da Bahia, cosido ao fôrno.

Quanto á fórma, é uma talha.

Talha bojuda, sem torneira, e com capacidade para duas pipas d'agua.

A dama caricata está no derradeiro marco da carreira artistica.

Tambem é esta a sua maior consolação.

Pois que hão de todas ficar alli. Adiante não se vai.

Todas não. E' excepção a Sra. Vicencia de Moura.

E por uma simples razão: foi como dama caricata que ella começou.

E desde então ficou encruada.

Se é que não está embalsamada pelo Dr. Costa Ferraz.

VIII

O TYRANNO—O CYNICO

Esta figura só tem valor por ser antiga.

O tyranno não se recommenda nem pela correção do desenho, nem pela firmeza do traço, nem pelo vigor do colorido.

E' um producto da arte na sua infancia.

Se não fôr em um museu, entre uma medalha grega e alguma mumia do Egypto, só é encontrado nas contra-regras dos theatros, de mistura com as adagas de gancho e os montantes romanos.

Esteja na scena, mostre-se entre os bastidores, appareça mesmo fóra do palco, por traz do tyranno vê-se sempre o fundo negro do quadro.

Um tyranno é mais um vulto do que um homem.

E' uma sombra de capa e espada.

Com uma espada, uma capa, uma pluma, uma

bexiga de boi cheia de sangue e meia duzia de berros faz-se um tyranno.

Quando elle falla, espreme-se todo ; a cada uma palavra sua, ouve-se um ranger de dentes.

Todo tyranno é magro e enferrujado.

Veja-se o Sr. Florindo.

E' um gallo da India, com esporões e tudo.

Lá um ou outro é gordo, por aberração, como o Sr. Pereira do São Pedro.

Este não é um gallo, mas um Perú. E Perú de roda.

E' elle abrir a boca, e ouve-se logo o *grú-grú-grú*.

Os tyrannos dão-se pouco ás affeições amorosas; mas quando escorregam...

(Olhem o Sr Domingos Braga.)

são de uma tyrannia!...

O cynico é o tyranno da escola moderna.

Calça luva de pellica em vez de guantê; usa bengala em substituição á espada; em lugar de bombachas traz calças e veste casaca.

Mas examine-se bem o cynico, e conhecer-se ha que é decalcado.

Não tem, portanto, o valor do original, embora a cópia pareça mais correcta.

Entretanto, no theatro e fóra do theatro, o cynico leva suas vantagens sobre o tyranno.

O cynico namora, conquista e chega mesmo a casar-se.

A's vezes confunde-se com o galã.

Aos seus papeis de cynico, mais do que aos de galã, déve o Sr. Galvão as suas boas fortunas.

Vejam aquelle Mephistopheles o que lhe tem rendido!

E ainda elle não o esticou bem.

O unico que não tem tirado proveito dos seus papeis quer de cynico, quer de tyranno, é o Sr. Arêas.

Em razão da idade, talvez.

Da idade e da fôrma.

O Sr. Arêas é um tyranno vasado em molde defeituoso.

Sahio curto e grosso.

E depois en cruou.

E' um tyranno resfriado, um cynico de cortiça.

Os cynicos e os galãs só podem ser retratados em sombra e de perfil.

O mais que dão é uma *silhouette* a nankim.

IX

A LACAIA (SOUBRETTE)

Eis uma illuminura que vai com todas as côres da parede onde se pendura, e que sempre se encontra no tampo da escada ou na sala de espera.

E' uma lithographia colorida, que dá logo idéa das pinturas que adornam a sala de visitas e a alcova de dormir.

A lacaia é uma especie de pimenta que abre o appetite.

E' viva, e esperta, toda cheia de movimentos e ademanes, de denguices e de me-deixes.

Semelham essas figurinhas de trigo e assucar que coroam as bandejas de doce, e cujo arame que as prende fal-as tremer ao menor balanço.

E' talvez por isso que ellas despertam tanto a gulodice das crianças. e dos *crianços*.

Toda lacaia parece feita de algodão fôfo, como essas boneças que andam á venda nos taboleiros de amendoim torrado e de pipoca.

Não envelhece nunca a lacaia.

Tem sempre dezoito annos, quer tenha o dobro dos dezoito, como a Sra. Adelaide Pereira, quer haja enviuvado já umas tres ou quatro vezes, como a Sra. Balbina.

Não envelhece, nem cresce.

Mas engrossa, em compensação.

Engrossa mesmo amiudadas vezes.

E' cada barriga... de perna... que dá ás vezes para duas pernas... de cada barriga.

Quasi todas as lacaias são dadas a um vicio repugnante.

Tomam rapé.

Mas disfarçam o vicio, não usando de boceta.

Tomam na boceta das outras.

O que não podem evitar é o pingo.

Quem quizer saber ao certo os annos de idade de uma lacaia, é tomar-lhe o vestido e contar-lhe as pregas.

Com as rugas ninguem conte.

Como entram em quasi todas as peças, andam sempre caracterisadas. E o alvaiade esconde a ruga.

Esta regra não tem applicação quanto á Sra. Ignez Gomes.

A Sra. Ignez Gomes não tem rugas, nunca as teve, nem as terá.

Tambem não usa de pregas.

Boa ou má, é aquillo que alli está.

Nem uma fenda, nem uma falha !

Dá-se-lhe um piparote, e ella tine como crystal.

E' que foi vidrada por dentro e por fóra, como as panellas de São Sebastião.

Cousa esta que faz morrer de inveja a Sra. Aurora.

Outra cousa distingue de suas collegas a Sra. Ignez.

Não toma, nem tabaco, nem rapé.

E' por isso que não tem o nariz arrebitado que têm as outras.

Mas pita cachimbo como um turco.

E pita tanto que já está sarrada.

E' uma piteira, afóra o ambar

De ordinario, têm as lacaias o pé pequeno.

Calçam entre 31 zero e 33 dous.

Ainda ahí diverge a Sra. Ignez Gomes, mas por espirito de contradicção.

Para não se parecer com as outras, mette os pés em umas botas 2.

Isto é metter as botas nos pés pequenos !

As lacaias, sob aquella apparencia frivola e leviana, occupam-se de calculos transcendentaes.

Cada sorriso que distribuem é um zero que accrescentam á direita da unidade.

Chega o dia do beneficio, arma-se a equação, e ai daquelle que descobre o valor do X!

Em geral são virtuosas as lacaias.

Podem algumas ter muitos amantes de uma só vez ; mas entre elles ha um que faz sempre de marido.

Não será isto uma virtude ?

SALA N. 3

RETRATOS, ESBOÇOS E
RESTAURAÇÕES

RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

I

ADELAIDE AMARAL

E' uma *aguacha*, desbotada pelo tempo.

Não traz assignatura do auctor, mas nem por isso deixa de ter merecimento.

Que é antiga não resta duvida; vê-se pelo estylo da mōldura: muita fita, muita flôr, muita pedra, muito arabesco, e tudo já atacado pelo cupim e pela traça.

A incorrecção do desenho não deixa de ser outra prova de sua antiguidade. Os antigos nem sempre observavam as regras de proporção.

Se em vez de ser pintura fôsse estatua, figuraria com vantagem no coroamento de alguma fonte.

Na fonte de agua de Lourdes, por exemplo.

A qual fonte alimentaria com as suas lagrimas.

E como estas são abundantes, o milagre ficaria mais barato.

Como artista, tem no theatro uma especialidade :

Chorar.

O que não a inibe de representar qualquer papel.

Sómente os representa chorando sempre.

Não é uma actriz, é uma lagrima.

Uma lagrima vestida de mulher, com botinas de salto e luvas de pellica.

Apezar dos seus cincoenta e dous, cultiva ainda a poesia.

E' languida.

E' melancolica.

E' suspirosa.

E' morbida.

Só usa de um perfume : a violeta.

Sô tem uma aspiração : representar a Julieta.

E depois morrer.

Entretanto, ninguem lhe toque.

Ao menor contacto, vibra logo como uma corda de violão.

E é tezinha !

Não lhe toquem. Deixem-n'a primeiramente representar a Julieta.

II

ADELAIDE PEREIRA

Boneca de papel, recortada á ponta de tesoura.

Depois foi guardada na cestinha da costura.

Quando de lá tiraram-n'a, sahiu toda amarrotadinha.

Passada a ferro, pintadinha, colorida, borrifada de pó de arroz, de longe faz figura, e ninguem lhe vê as rugas que ficaram da amarrotação.

Quando atravessa uma rua, toda durinha, toda enfeitadinha, parece uma figura pintada na lamina de vidro de uma lanterna magica.

A voz della tem um certo tremulo.

E' que a sua voz foi tambem recortada á ponta de tesoura.

Traz o semblante constantemente arrufadinho.

E' que vê sempre os outros mais altos do que ella, e suppõe que os outros cresceram á sua custa.

Sua maior pretensão é ser da altura de qualquer, mesmo dos que são mais baixos.

Dahi a altura dos tacões em que ella anda trepada.

Peça em que ella entra é obrigada a binoculo.

Sem o que, ninguem a vê.

Affirma-se mesmo que o binoculo foi inventado em sua intenção.

E' por isso que as coristas feias não gostam della.

Morre pelos papeis de pagem.

Os papeis de pagem são uma occasião para mostrar os recortes.

E' a unica dama de theatro que tem testamento.

O qual testamento consta apenas de duas verbas :

Na primeira pede que, quando morrer, enterrem-n'a vestida de pagem.

Na segunda ella declara que deixa a sua bo-ceta de rapé á Sra. Vicencia de Moura.

Pois que tem este vício, o unico que se lhe conhece.

Os occultos devem ser muitos.

E' religiosa em extremo.

Vai todas as sextas-feiras á desobriga.

Por isso é a única actriz que merece as sympathias do *Apostolo*.

Na sua sala não tem retratos, nem pinturas.

Apenas no quarto de dormir tem á cabeceira da cama um registro.

O registro de S. Sebastião do Castello.

Sómente acha a criada que aquelle S. Sebastião parece-se muito com o Sr. Dr. Reis, ex-redactor do *Apostolo*.

Coincidencias, nada mais.

III

AMELIA GUBERNATIS

Trabalho de tapeçaria, feito de lã cardada.

E' um *estufa* que valeu á autora o primeiro premio no collegio.

Representa um papagaio.

Falla, canta, resa, ri, suspira e chora, e arreda todos os outros passaros.

A principio não era má a combinação das côres que a matisavam.

Mas tem passado por varias mudas, e, com esses retoques todos, a côr primitiva já se foi.

Hoje em dia predomina o amarello.

Accção do tempo, na opinião de uns.

Na de outros, são effeitos dos rabanetes, **alimentação** de que muito abusa.

Tem experimentado todos os estados: já foi casada; já foi viuva.

Solteira é que nunca foi.
Nem solteira, nem avulsa.
Ninguém inspira mais paixão do que ella.
Por felicidade, della e dos apaixonados, só as
inspira estando em scena.
Fóra da scena, vai a paixão fóra.
Desde que representou o papel de Calypso,
tomou-se de aborrecimento pelos Ulysses.
E desde então cultiva os Telemacos.
E' Calypso em toda a parte, pois que em
toda a parte ha *telemacos*.
Como artista, é util em qualquer theatro.
Por isso que faz de homem com a mesma
facilidade com que faz de mulher.
O que tem occasionado duvidas a respeito do
seu sexo.
Chegou-se mesmo a acreditar que fôsse com-
mum dos tres : masculino, feminino e o outro.
Como cantora, é uma fruta.
Mas uma fruta primitiva, com sete furos e
sem chave alguma.
Uma fruta pastoril.
E' só soprar que o canto sai.
Falla diversas linguas.
E para mostrar que as sabe todas, falla todas

ao mesmo tempo, o que dá em resultado não fallar nenhuma .

Das linguas mortas não faz uso.

Sabe ler e escrever.

Assigna, porém, o nome escrevendo Amelia com H, e Gubernatis com J.

Não tem defeitos, nem physicos, nem moraes. Immoraees tambem não tem.

E' verdade que frequenta a cartomante da rua da Assembléa.

Isso, porém, não é um defeito.

O Sr. conselheiro Pereira da Silva tambem lá vai.

E vão ambos, é sabido, para saberem se hão de morrer moços ou velhos .

Como se ainda lhes fôsse possivel, a elles, morrerem moços !

IV

AMELIA KEROSENE

E' uma almotolia, ou antes uma lamparina.
Tem o azeite, tem a cruzeta, tem a boia, tudo
tem.

O que lhe falta é o pavio.

Appliquem-lhe o pavio, e veráõ que cláridade.

Sómente espirra muito ; e, como espirra, apa-
ga-se logo.

O theatro onde ella acende-se enche-se de
mariposas.

Põe-se a luz logo a tremer, e, quando menos
se espera, zás ! fica tudo ás escuras.

Pois é pena, que é uma lamparina bem feita
forte e resistente.

Já resistiu a uma explosão de petroleo.

Parece feita de ferro batido.

Não tem sangue nas veias ; em vez de sangue tem kerozene.

A voz della tem som metallico.

Ou antes não falla : tine.

Tem vocação para o theatro ; infelizmente, porém, os empzezarios não a comprehendem.

Nem os empzezarios, nem o publico.

Nas representações de sociedades particulares é que ella brilha e se faz valer.

Faz de ingenua, faz de galã, faz de lacaia e até de centro.

Como as representações dessas sociedades não são frequentes, ella aproveita o ensejo para mostrar-se por todas as faces.

Sómente nessas representações ha um cheiro de kerosene ! . . .

E' falta de espevitador.

*

V

ANNA CHAVES

E' a gema da Sra. Monclar, uma especie de *pendant*, feito de proposito para irmanal-a.

Tem o mesmo metal de voz, ou a mesma voz de metal, a mesma fórma e igual feitio.

E' talvez um decalque.

Ha quem assegure que ella é a mãe da Sra. Monclar.

Póde ser que não seja.

Mas com certeza mamaram o mesmo leite, se não foi uma que deu de mamar á outra.

A Sra. Anna Chaves é um outro prodigio de embalsamento do Dr. Costa Ferraz.

Um tanto mais secca, unicamente, e um tanto mais enrugada tambem.

Questão de mais liquido ou menos liquido nas injecções; boa ou má qualidade das drogas talvez.

•

Vê-se também que está mais desbotada.

Das duas uma :

Ou as tintas de que usa não têm a mesma consistencia e firmeza das da Sra. Monclar ;

Ou então tem mais lavagens.

Pois que lavam-se, tanto uma como outra ; deslavada é que nenhuma é.

A Sra. Anna Chaves tem ares de figura de taboleta, já muito batida do sol e sovada da chuva.

E' por isso que está toda gretadinha.

Sempre que entra em scena faz acreditar que se desgrudou do bastidor onde o scenographo a pintou.

Ha no seu todo o quer que seja de phantastico.

Quando anda dá uns estallinhos seccos como os de ossos a baterem uns nos outros.

Não parece que esteja no theatro para exercer a arte, nem para ganhar a vida.

Está alli cumprindo um fadario. Aquillo é com certeza uma penitencia.

Vaga pela scena como as almas do outro mundo vagam pelo cemiterio.

E' uma *pantasma*, não tem duvida ; é um aventesma.

Se falla é para dentro de si, embora grite, como se lá no fundo estivesse alguem a escutal-a.

E não estará?

Bem se vê que o seu lugar não é na scena, a ter ella um lugar no theatro.

Na guarda-roupa é que devêra estar.

Seria alli um bom cabide, um tanto velho, é possível, mas mesmo assim um bom cabide.

Certamente já fez estas funcções em algum belchior.

Conhece-se que o fez, pela maneira por que traz a roupa pendurada.

E foi em belchior da rua da Carioca.

No *Pobre Jacques* talvez.

Dir-se-hia que mascarou-se um dia para o carnaval, e que desde então ficou mascarada.

E' a rainha dos *Zés-p'reiras*.

E' uma recordação da mocidade.

V

ANNA COSTA

E' uma fôrma.

Um ou outro traço, este ou aquelle contorno, indicam que é uma fôrma de mulher.

Talvez não seja.

Talvez seja a fôrma de uma moringa.

Ou de alguma bilha antiga : etrusca, por exemplo.

Póde bem ser a fôrma da amphora da Samaritana.

E' ponto este que só vendo-se por dentro se elucidará.

Mas que é uma fôrma não ha duvida.

Agora, de que é feita é que não se sabe.

Se de barro, se de gêsso, se de betume, ou se de enxundia.

Talvez seja de alguma massa composta de tudo aquillo.

Que é de massa, isso é.

Theatralmente considerada, a Sra. Anna Costa, como a Sra. Elisa, é tambem um livro.

Mas um livro apenas brochado.

Tem a capa encardida e engordurada.

Tanto assim, que não se pôde ler o titulo.

Mostra que tem sido aberto varias vezes, mas com certeza nunca foi lido.

Parece um volume das obras do Dr. Mello Pitada.

Parece, porém não é.

E' um repositorio de comedias editadas pelo Sr. Moreira de Azevedo ou pelo Sr. Joaquim Norberto, por conta do Instituto Historico.

Editadas *ad memoriam*.

E neste caso hão de encontrar-se alli o *Inglez machinista*, a *Panella dos feitiços* e os *Phosphoros a dez réis*.

Em qualquer theatro onde esteja escripturada, é páo para toda obra.

Já tem feito o papel de neta de si mesma, fazendo o papel de filha da Sra. Isabel Porto.

E canta, acreditem.

Canta tanto, canta tão bem, que é por si só uma orchestra.

Pelo menos, é um instrumento.

Não é um realejo, porque lhe falta a manivella.

Uma gaita de folles. também não; não tem canudos.

E' antes uma harmonica, com trinta chaves no cavallete.

Póde-se alli tocar todas as peças, desde a *Gavota* mais a *Cachucha* até a *Filha de Mme. Angot*.

Nesta ultima exceptua-se o duetto do segundo acto.

Não ha folle que lhe sobre aquillo.

Mas não só canta como dança.

Quebra o fadinho como ninguem.

E como ninguem faz também muitas outras cousas.

Por exemplo, fallar.

Pois que falla, e falla muito.

Únicamente, falla por uma grammatica que compoz para seu uso.

Das qualidades domesticas não se falla.

Tem muitas que a recommendam, sobretudo a seguinte :

Doce de côco, feito por ella.

E' que rala a cocada como ninguem.

VI

APOLLONIA

Carinha de lua cheia, anda sempre de carinha n'agua.

Ri-se de tudo e de todos, começando por se rir de si.

Não é uma mulher, é uma risada.

Uma risada vestida de musselina e chapéo côr de rosa.

Uma risada que ás vezes calça luva de pellica, outras empunha um páo de vassoura.

Depende daquelle ou daquella para quem se ri.

Mas, em todo o caso, é preferivel o páo de vassoura.

Dóe muito menos.

Quando nasceu não chorou. Riu-se para a parteira.

E a comadre benzeu-se com a mão canhota.

Como nasceu no theatro, pelo theatro ficou.
Foi a principio uma tetéa que adornava o
aparador das salas.

Uma tetéa de *biscuit*.

Depois fizeram-n'a representar.

O primeiro papel que fez foi o de lua, no
panno do fundo.

D'ahi ficou artista.

E como artista encheu-se de artificios.

E' facil verificar.

Feita de pellicula de ôvo, vê-se tudo atravéz.

E' só collocar-a contra a luz.

Acham-n'a bonita : effeitos da tinta e do pincel.

Acham-n'a espirituosa : agradeçam aos auto-
res das comedias que tem lido e representado.

Aquelles olhos... aquelles olhos...

Perguntem aos oculistas qual o engenho que
os faz mover.

O nariz é de papellão.

Agora, bem grudado é que elle está. Não se
desprega com qualquer espirro.

Os dentes já figuraram em machinada den-
tadura na vitrina do Severo Lima.

Não lhe mettam, porém, o dedo na boca, que
ella morde.

Até o sorriso é artificial. 'e

Um poeta e um musico já lhe cantaram os pés.
Pudéra !

Se ella os tem do tamanho que os quer !...

E' só desatarrachar uns e atarrachar outros.
Alli é tudo arte e engenho.

Anda sempre a representar.

Ninguém sabe quando ella está fallando sério,
nem quando está gracejando.

O direito della é o avêso.

Sómente o desenho muda de côr, como o damasco.

Mas é tecida com tanta arte que, se não se examinar cuidadosamente a ourela, não se lhe conhece a verdadeira face.

E' um moinho que resiste a quanto *dom quixote* ha.

Tem rodas e pás para a agua, tem velas e azas para o vento.

E aproveita todas as correntes, utiliza-se de todo o sôpro.

Pois que volta-se para todas as vertentes, como para todos os quadrantes.

De tudo isto se conclue que um grande artista a fabricou.

No entanto, ainda é criança.

Ainda tem os ossos molles, ainda tem a mo-
leira aberta.

Em crescendo e tomando sizo, ha de ser uma
grande artista.

Talento não lhe falta, o que lhe falta é o
tamanho.

VII

AURORA

Foi feita de encommenda para a vidraça de um cabelleireiro.

E' de páo...

(Vê-se pela dureza)

.. com uma camada de cêra por cima.

Consoante a moda, varia de penteado.

E de côr dos cabellos.

O que lhe é extremamente facil : é tirar uma cabelleira e pôr outra.

Depois, dá-se-lhe corda, e eil-a a gyrrar, toda teza, toda dura.

Tambem não tem outro movimento.

E' portanto uma cabeça espetada em um páo.

E' um páo de cabelleira.

A primeira vez que figurou no theatro.

(Ninguem lefa — representou.)

foi no *Amor pelos cabellos*, scena comica do repertorio do Taborda.

Serviu para uma das cabelleiras.

Desde então ficou pelo theatro ; e, o que mais é, todas as cabelleiras ficaram servindo nella.

Mas no louro é que ella sobresahe.

Em havendo necessidade de uma cabeça amarella, zás ! Aurora para a frente.

Já se escreveu, por isso mesmo, uma peça em intenção sua :

A Princesa dos cabellos de ouro.

E' o seu maior successo.

Mesmo porque nesta peça não faz outra coisa senão mostrar a cabeça.

E para isso puzeram-lhe umas pernas postiças e uns braços postiços tambem.

Se não fossem as luvas, haviam de vêr que muita vez tinha os braços no logar das pernas e as pernas penduradas nos hombros.

Enganos do contra-regra.

Tambem nisso nenhum mal havia, pois não fazia uso nem das pernas, nem dos braços.

Se lhe puzessem uma cabelleira em vez de outra, por exemplo — o chinó da criada da Sra. Adelaide em vez do della, — isto sim ! era caso para a peça cahir.

Das pernas e dos braços só faz uso quando monta a cavallo.

Pois que monta, e monta bem.

E' séstro este que lhe ficou desde que figurou na *Mocidade de Henrique IV*

São estas as suas qualidades theatraes.

Quanto ás qualidades domesticas...

Cá no seculo, é outra cousa.

Alimenta-se de ôvo como os canarios belgas.

Mas come sómente a gemma, para não alterar o amarello dos cabellos.

E ainda assim é preciso que o ôvo seja posto de fresco.

Traja sempre de preto para fingir modestia, e para produzir mais effeito em scena quando apparece vestida de côr.

E' a melhor discipula do Sr. Hudson: já conhece o A B C quasi todo.

E isto em dezesete lições!

Nunca se quiz casar.

Experimentou o estado, porém não o achou bom.

Se pudesse, era viuva.

Como não pôde, tomou uma resolução suprema:

E' celibataria.

VIII

BALBINA

E' de panno, como essas bonecas que se fabricam em São Gonçalo.

Ha-as á venda na loja do cabelleireiro Cassemajou.

São conhecidas pela designação de bonecas *perfeitas*.

Este *perfeitas*, porém, nada tem com a perfeição da mão de obra...

Diz-se — perfeitas — como se diria—completas.

Isto é : têm olhos, têm nariz, têm boca, têm dedos, têm... têm tudo.

De ordinario, são feitas de fazenda finissima.

Esta, porém, é feita de ganga amarella, e é cozida com linha azul.

E' cheia de areia, como as almofadas feitas para pregadeiras de alfinetes.

E alfinetê que se lhe espete não enferruja.

Não obstante isso, nem é pesada, nem é dura.

Um tanto aspera, eis o que é.

A ganga da India, tecida de algodão crú, não é fazenda macia.

Mas é forte, e não desbota.

Por isso olha-se para ella, e não se sabe a idade que tem.

Sempre engommada, sempre lisa, não ha meio de se lhe verem as rugas.

Atravéz della não se vê cousa nenhuma.

E' opaca, é espessa, é massiça.

Se fôsse fruta, era um cajá.

Casca por fóra, carôço dentro.

E que carôço!

Entretanto, desmancha-se toda.

Pois é feita á semelhança desses ovos de madeira ou marfim que ha nas caixas de prestigitação.

Não é uma, são muitas.

Umás encaixadas dentro das outras.

E' um terno completo, como as bocetas de pilulas nas boticas.

De anno em anno desatarracha-se e sahe uma.

A's vezes, com a prêssa, sahem duas.

Tem pé pequeno e cabello negro.

O cabelo, sobretudo, é o desespero das *auroras* e *balsemões*.

Isto tudo é no presente.

No futuro.

Como é de ganga, e nunca foi tingida, ha de servir para sacco de coar café.

IX

CLELIA

Contra as disposições aduaneiras, e apesar da vigilancia dos respectivos guardas malsins, passam pela alfandega cousas prohibidas.

Entre esses contrabandos bandeiam-se para cá umas bonecas que o pudor fiscal manda destruir, mas que, não obstante, apparecem expostas e á venda em algumas vidraças de quinquilherias.

São umas bonecas pintadas a chromo, cortadas depois e grudadas pela orla em papelão contornado pelo desenho da figura.

Representam ordinariamente uma freira ; uma irmã de caridade ; uma devota de missa ; uma parteira acudindo ao chamado ; uma mãe levando a filha ao collegio.

Quando, em vez de boneca, é boneco, é quasi sempre um frade.

Nada mais simples, nem mais decente.

No entanto...

(A Alfandega tem razão.)

... no entanto aquillo é sómente apparencia.

De um boneco daquelles é que se pôde dizer
—nabo em sacco.

Puchando-se com geito, de dentro daquelle
boneco sahe outro.

Esse é que é.

A Sra. Clelia é assim.

Um chromo mal impresso, recortado e gru-
dado em papellão pela beira.

No decote da gola sahe a cabeça da outra
que está por dentro.

Uma cabeça que serve para as duas.

E' chata.

Só pôde ser vista de um lado.

Não obstante, esse lado tem seus effeitos de
claro-escuro.

Ha relevo alli.

E' ás vezes, ou pela disposição da luz, ou
porque se desgrude o papel de cima, ou seja apenas
enchimento de ar, o relevo avoluma-se e endurece.

Nessas occasiões, a boneca toma assim uma
fórma de abobora-menina.

Mas com casca de abobora-jurumum.

Isto por fóra.

Por dentro, se fôsse abobora, era com certeza abobora d'agua.

De tempos em tempos ella murcha.

Fica chata de novo.

E, ao enconral-a na rua, a gente encontra:

A freira;

A irmã de caridade;

A devota da missa;

A parteira que vai ao chamado;

A mãe que leva a filha ao collegio.

Se alguém nessa occasião lhe puchasse de repente a capa de cima...

Sumir-se-hia a cabeça na gola e appareceria a Sra. Clelia.

Ou então um frade.

Mas, frade ou ella, bem modelado.

Graças á cabeça, que serve para os dous sexos, aquelle modelado serve para ambas as cousas.

No theatro, serve para muitas outras cousas mais.

E tudo faz com geito.

Mas nos papeis de mãe é que ella sobresahe.

De mãe ou de ama de leite. E' especialista nesse genero. ●

Entretanto não se lhe conhece filho, nem cria.
Será anthropophoga ?
Mas anda sempre cercada de crianças.
E' que ella é sobretudo caridosa. Cria os
filhos dos outros.
Será um gallo capão ?

X

ELISA

Se a vissem dentro de um nicho, tomal-a-hiam por uma santa de páo (sem idéa de caruncho).

Uma santa que deixou ha muito de ser incarnada, mas em quem a acção do tempo tem influido nas côres empregadas pelo santeiro que a incarnou.

Efeitos talvez do bom verniz.

Ha peixes petrificados; peixes e outros animaes.

E' possivel que a Sra. Elisa, que no seu tempo deve ter sido um peixão, feita de páo como foi, seja agora uma santa carnificada.

O tempo faz tanta cousa !...

O que é certo, porém, é que o santeiro que a fabricou pouco ou mesmo nenhum conhecimento tinha da osteologia.

A Sra. Elisa tem muito ôsso.

Tem alguns em duplicata.

E' um ossuario completo.

Tem tanto ôsso que com mais dous ou tres kilos de carne e um covado de pelle bem esticada dava para duas.

E quem sabe mesmo se não ha duas alli? uma por dentro da outra?

E' possivel.

Ao menos é crível, a julgar pela voz.

Pois a voz della são duas vozes.

Quando ella falla (reparem bem!) ouve-se uma voz grossa e ouve-se uma voz fina.

A grossa é a della; mas a outra?

Não será de alguém que haja lá dentro?

A menos que ella não tenha na garganta uma palheta de oboé.

E nesse caso ella não falla; o que faz é soprar.

Mas então a palheta está rachada.

Ha de ser isso. Com o uso... com a antiguidade...

Isto tudo quanto á fórma; quanto ao fundo...

(Ao vê-la tão magra assim e com tanto ôsso, hão de pensar que ella não tem fundo. Pois tem!)

... quanto ao fundo, é outra cousa.

E' um livro.

Mas que livro! um livro precioso.

Está encadernado em *chagrin*, e tem a lombada já roida pelas baratas.

Parece um volume truncado, sahido da bibliotheca de algum antigo convento.

Mas abram o livro, e hão de vêr.

E' um repertorio dos mais escolhidos entremezes, impressos em verdadeiro typo elzeviriano.

Abram no fim e vejam o indice.

Mas abram com cuidado, para não perder-se alguma folha.

O livro tem sido tão folheado !

Sómente tem um defeito este livro :

E' encontrar-se em uma ou outra pagina algum pingo de rapé.

Effeitos da commoção de quem o lia. Da commoção e do embevecimento.

Tem tambem algumas folhas já roidas pela traça.

E' uma prova que authentica a antiguidade.

Agora quanto á arte :

A Sra. Elisa representa quando está fóra do theatro.

Porque então representa ser mais velha do que é...

Ser *mais velha*, não ; ser *menos moça*, é que se deve dizer. •

Em scena não representa ; o que faz é apresentar-se.

Desempenha tão bem os seus papeis, e delles tanto se possue, que não parece estar fingindo.

Faz até acreditar que tem mais carne do que ôsso.

XI

FRANCISCA

E' um corpo embalsamado

Que o é verificou-se já.

Nem de outro modo nos daria hoje, como está dando, idéa da arte dramatica na sua infancia.

Agora, qual o liquido da injeccão, eis o que não se pôde descobrir ainda.

O que se sabe, por indiscrição do instituto historico, é que as seringas que serviram na operação ficaram todas deterioradas.

Mas o corpo está perfeito.

Tem toda a apparencia de vida.

Nem o ar o corrompeu.

E ainda mais :

E' refractaria, quer á agua, quer ao fogo.

Parece que, em vez de pelle, cobre-lhe os ossos, e mais a carne, a gutta-percha ou o amiantho. •

Pois que escapou inteirinha, incolume, ás *aguas do monte* e a outras enxurradas, e não conseguiu consumil-a nenhum dos tres incendios que devoraram o theatro São Pedro.

Já anteriormente...

(Consta dos apontamentos curiosos do Sr. Moreira de Azevedo).

... escapára, não se sabe como, ao incendio da Casa da Opera.

No qual theatro, rezam as chronicas coloniaes, representava nas *Guerras do alecrim e da mangerona*.

Fazia o papel da mangerona, provavelmente.

Conserva assim nunca se viu!

Nem de pimentões, nos frege-moscas!

Se fôsse secca, era uma mumia.

Mas é humida, bem se vê.

E' humida, pois que súa atravez das camadas de cosmetico com que se unta e se besunta.

Faz este methodo de embalsamento o desespero do Dr. Costa Ferraz.

E não é só ao Dr. Costa Ferraz que causa desespero.

E' aos coloristas tambem.

Ninguem emprega com mais vantagem e mestria o alvaiade, o carmim e o nankim.

Da pomada epilatoria dizem que tambem faz grande uso.

D'ahi o liso e o lustro que se lhe nota.

No theatro não desafina.

Quer cantando, quer fallando, aquillo é uma toada só.

Se fôsse instrumento, teria por força uma só corda.

Seria então um urucungo.

Como artista, não ha mais que se lhe diga.

E' opinião do conservatorio que ella tem um futuro muito lisongeiro.

Do passado o conservatorio não falla.

E' que o conservatorio o não tem presente, apezar de se tratar de uma conserva.

Tem mais uma qualidade artística que a recommenda :

Faz um beneficio por mez.

No mais, tem sido boa filha, boa esposa, boa mãe e...

E bom guarda-nacional.

XII

GILDA

E' assim como um castão de bengala; mas um castão de massa fingindo marfim.

Embora mal acabada, não se lhe póde recusar certa delicadeza no traço geral.

Os contornos são bem accusados, e através da roupagem distinguem-se as linhas anatomicas.

Entretanto não é só á bengala que serve de castão.

Serve tambem de cabo ao estoque que tem a bengala.

Vê-se facilmente que ainda é nova.

Mas tambem vê-se logo que já é bastante usada.

Pela ferrugem do estoque se conhece que o é.

Mas, apesar da ferrugem, o estoque é flexivel.

Dobra-se, enrosca-se, verga-se todo, e nunca se quebra. •

E estocada que dê é golpe certo.

Quando mais não faça, arranha ; e arranhão
que venha d'alli é morte segura.

Aquelle estoque tem peçonha.

Nos theatros faz de ingenua, mas nos theatros
da côrte.

No interior e nas provincias é dama galã.

Dama galã e galanteada.

Tem esvelta a figura : fina e espigada.

E' arbusto podado ainda em rebentão.

Cresceu, porém não engrossou.

Nem tão pouco deu fructo.

Flôres, sim ; produz-as em abundancia.

E que flôres !

Em principio era um simples desenho
carvão.

Um d'esses desenhos ligeiros que os sceno-
graphos riscam por desfastio no avêso dos bas-
tidores.

Depois, para uma nova scena, viraram o
bastidor, e, afim de aproveitar a lona, aproveita-
ram tambem a figura em um trainel.

Coloriram-n'a.

Em vez de cola, porém, empregaram o oleo,
e a tinta agarrou.

E' por isso que é sempre a mesma figura, seja qual fôr o papel que represente.

Tem a mania das viagens.

No futuro, e talvez já, poder-se-ha applicar-lhe o que se diz da celebre Maria Angú :

Andou por Sorocaba,
Por Guaratinguetá,
Por Pindamonhangaba,
Por Jacarépaguá.

E, como n'este, em muitos outros pontos tem contacto com a Maria Angú e com a filha da dita.

Até mesmo nos *bernabés*.

N'essas viagens tem çolhido grandes conhecimentos, quer para a arte dramatica, quer para a arte privada.

Entre outros: sabe como se descasca a mandioca e se peneira o fubá.

Mas é eximia em descarçar milho: espiga que lhe caia nas unhas fica sem caroço.

Aquillo, porém, em que ninguem lhe ganha é o desmaio.

Quer no theatro, quer fóra d'elle, a sua especialidade é desmaiar.

Não é uma mulher: é um vágado.

•

XIII

AS DUAS HELENAS

Ambas louras, ambas claras, rosadas ambas, parecem irmãs.

Não fôsse uma tão gorda, tão magra a outra, e asseverar-se-hia que eram original e cópia.

Em todo o caso, póde-se dizer que a Sra. Helena Balsemão é a Sra. Helena Cavalier olhada através de um vidro de augmento.

Como a Sra. Helena Cavalier é a outra Helena vista com o binoculo voltado.

A Sra. Helena Cavalier é uma reducção da Sra. Helena Balsemão; a Sra. Helena Balsemão é a Sra. Helena Cavalier em photographia augmentada na machina solar.

A Sra. Helena Cavalier é pintada com pincel fino, de marta.

A Sra. Helena Balsemão é feita á brocha de scenographo. •

Na primeira empregou-se o carmim e o alvaiade; na ultima foi o zarcão e a cal.

Para os cabellos d'aquella usou-se do jald e do ouro francez; para os cabellos d'esta abusou-se do ócre.

A Sra. Helena Cavalier tomou a si todos os ossos; a Sra. Balsemão arrecadou toda a carne, toda a gordura, todas as banhas e todos os sêbos.

A primeira é uma gemma de ôvo; a segunda não é a gemma de um ôvo, é um ôvo de duas gemmas.

Ou então é uma óva.

Só os nervos couberam a ambas em igualdade de porção.

Unicamente os nervos da Sra. Cavalier são nervos tezos, e os da Sra. Balsemão são nervos frouxos.

A Sra. Cavalier é um bandolim com as cordas retezadas.

A Sra. Balsemão é uma viola de cordas bambas.

Aquella é uma espiga de trigo; esta é uma espiga de milho.

As duas são duas espigas.

Não obstante a gordura, a Sra. Helena Balsemão é mais nova do que a Sra. Helena Cavalier.

Aquella começava a mamar quando as tropas de Junot penetraram no Porto; esta viu as estrellas quando Napoleão entrou em Barcelona.

Antigamente na Grecia dizia-se que Paris buscava Helena.

Hoje, nos nossos theatros, temos as Helenas aos pares.

Não obstante este contacto, destacam-se perfeitamente no theatro.

Uma é ingenua; a outra é... a outra.

A Sra. Helena Cavalier mette-se no seu papel.

A Sra. Helena Balsemão mette o seu papel em si.

Não é questão de intelligencia nem de arte; é questão de capacidade, de mais bôjo ou menos bôjo.

A Sra. Helena Cavalier já uma vez engordou.

Não deu-se bem com a pelle esticada, e met-teu-se de novo nas encolhas.

Por seu turno emmagreceu a Sra. Helena Balsemão.

Ficou com as pelles bambas e balôfas, e então tornou a inchar.

São, pois, como se vê, duas figuras do mesmo genero.

Tendo ambas moldura igual, podem figurar na mesma sala.●

No theatro já figuram.

E, quando figuram, desfiguram-se.

Então é que é vêl-as.

Na *Morgadinha de Valflôr*, por exemplo, a Sra. Helena Cavalier, de tão desfigurada que fica, fica parecendo o Luiz Fernandes.

E' talvez pelas botas em que se mette.

Na *Jarra quebrada* a Sra. Helena Balsemão desfigura-se por modo tal que o espectador chega a persuadir-se de que a jarra é ella.

E' por ser bojuda talvez.

Como genero artistico, fazem ambas os papéis de galãs.

Mas tão louras são ellas e tão douradinhas, que melhor passariam por galões.

.

XIV

HENRIQUETA TIBÁO

Na fôrma, no modo, é em tudo uma sphyngé.
Até na materia de que é formada.
Pois é feita de pedra, e de pedra bem rija.
Muito escôpro embotou-se, muito malho partiu-se, talhando-lhe as fôrmas.
Afinal conseguirão dar-lhe certa elegancia.
Mas vê-se facilmente que mais de um artista imprimiu alli seu estylo.
Não é obra de um, é obra de muitos.
E' por isso que ficou um tanto amaneirada.
Mas, em todo o caso, é uma sphyngé.
Enigma vivo, ninguem decifrou-o.
Apezar do conceito.
Pois que tem um conceito gravado na base.
Sómente o conceito é gravado em cifra.
Se a *Gazeta de Noticias* chegasse a pilhal-a,
pôl-a-hia logo a premio entre as suas charadas.

Antes de entrar para o theatro, tinha a sua côr local.

Era puramente egypcia, quer na fórmula, quer no fundo.

Dir-se-hia transplantada dos banheiros de Cleopatra.

Mas o theatro estragou-a.

Primeiramente na côr, mais tarde no fundo, e afinal no feitiço.

Entretanto no theatro nunca teve classificação.

Figurava em todas as classes sem pertencer a nenhuma.

Mas papel de saia curta era-lhe logo distribuído.

De saia curta e cabellos soltos.

Depois soltavam-a na scena.

A's soltas é que era vêl-a.

Soltava a lingua de granito, e não havia mais pegal-a.

Se era canto, não tinha pausa; e, se era falla, não tinha virgula.

Estando em scena, só via o ponto.

Cada falla era um jacto.

Se o papel não tinha falla, nem musica, então brilhava a artista.

Nunca houve sphynges mais muda.
Nem artista que melhor desempenhasse um
papel de N. N.

Os N. N. foram a sua especialidade.
Inventaram-se para ella.
Se não foi ella quem os inventou.
Era a Ristori dos N. N.
Representou-os por muito tempo, até que
um dia...

(Dia nefasto para a arte dramatica!)

.. até que um dia fez beneficio.

E depois aposentou-se.

Aposentou-se, casando-se.

Se chegar a enfiuvar.

(O que será uma ventura.)

... voltará de novo á scena.

(O que ha de ser uma desgraça!)

XV

HENRY

Foi na loja da America que o Heller a encontrou.

Entre outros objectos de borracha, encomendados para a companhia dramatica de Mme. Jeanne Philippe, foi que ella veiu.

Por engano, talvez.

Rolou para o meio delles e por alli ficou.

Pois que é uma bola, e uma bola de borracha.

Comquanto seja dura, é ôca e cheia de ar.

E tem um furo com uma palheta.

Em apertando-se, o vento que sahe fal-a cantar.

E pôde-se apertar com força : é de borracha, não rebenta.

Como a parte do fundo é mais pesada, não cahe quando rola, e está sempre de pé.

Graças ao seu feitio, e graças á sua graça, é empregada em varios misteres.

E de todos elles sahe-se bem.

Serve até para o jogo do *bilboquet*.

Torçam a corda com geito e verão como cahe certinho.

Não erra nem uma vez.

Para o theatro é de grande vantagem.

Comquanto seja uma bola ôca, não rebenta, não murcha nunca.

Está cheia de vento sempre, e tem sempre a palheta afinada.

Não lhe entupam o furo.

XVI

HERMINIA

Peça de bronze, fundida de um só jacto.

Não se entenda por peça de bronze um canhão, embora com este se assemelhe na alma lisa que tem e nas suas explosões.

E' uma figura bem moldada, fôrmas amplas, colorido quente e relevos bem accusados.

Ergam-lhe o braço empunhando uma lanterna, e será um bello candelabro.

E' rija como o metal de que é fundida.

O molde em que foi vasada deve ter arreventado.

Não obstante, move-se com graça, mas uma graça selvagem, sem maior delicadeza.

As extremidades são bem tratadas, e os seus extremos devem ser ferozes.

Está perfeitamente talhada para correr. Em luta n'um circo, deve ser invencível.

A sua voz lembra os sinos da Lapa dos Mercadores.

Não sabe musica, mas canta.

Como os sinos, justamente. E' só puchar-lhe pela corda.

No theatro, como representa para o publico, falla para o publico quando representa.

E' lida e illustrada.

Conhece a bibliotheca toda de Paulo de Kock, e collobora em romances vivos.

Nesses romances é ella quem prepara os esqueletos e urde a intriga.

E para os epilogos tem sempre uma chave de ouro.

XVII

IGNEZ GOMES

Verdadeira obra do Porto : rija e forte.

Mal acabada, mas bem accentuada.

Trabalhou alli o escopro ; falta agora o aperfeiçoamento do buril.

Se fôsse destinada a um alto pedestal, estava prompta a figura.

Para as grandes alturas os traços largos.

E bem largos que são os traços d'ella.

Base tambem lhe não falta.

Quarenta e dous de comprimento sobre seis e meio de altura.

Não é um simples sóco ; é sóco, alicerce e embazamento.

Tem logar para a inscripção e outras allegorias.

Vê-se que quem a fez não era um artista.

Estão alli os vestigios de algum curioso.

Algum mestre louceiro, afeito a trabalhar no pó de pedra, fabricante de jarros, bacias e outros vasos semelhantes.

Fêl-a como quem faz um leão ou uma pastora para o alpendre de alguma quinta.

Fêl-a sem fôrma, nem desenho.

Agora, onde esmerou-se foi no vidrado.

Vidrou-a por dentro e vidrou-a por fóra.

E' figura que não precisa lavar-se, porque não cria limo.

Tem a condição das pedras batidas e moveiças.

« Pedra que róla não cria bolor ! » Lê-se isto no *Simão de Nantua*.

E essa condição deve-a ella ao bem vidrada que foi.

Dizem os annaes do theatro portuguez que durante muito tempo figurou no portão da casa de campo de uma actriz lisbonense, alli para o Dá-fundo.

Um dia, no theatro, houve mister de uma figura semelhante.

A actriz emprestou-a.

Figurou então na peça.

E, como não valia a pena o carroto, foi deixada na contra-regra, entre outros accessorios.

Na sua ultima viagem, encontrou-a alli o actor Valle.

Mandou encaixotal-a e remetteu-a para cá.

E deste modo eil-a artista, enchendo a scena e os personagens no cartaz.

E...

(Valha a verdade, o seu a seu dono.)

... tem feito muito progresso.

Soltou a lingua.

Já falla.

Já diz *manjor*, já diz *jintar*.

Com o tempo, é de esperar, dirá jantar, dirá major.

Apenas constou isto lá na Trindade, mandou-lhe o Palha offerecer contrato

Faltava alli uma dama para a *Filha de Mme. Angot*, no 1º acto.

Desde que ella fallava, e cantava...

(Pois que canta, acreditem! diz o Cyriaco de Cardoso, e a *Gazetilha do Jornal* já o affirmou.)

... achava-se no caso.

No mais era só deixar a natureza obrar.

Cá, no nosso theatro, é ella a intriga das outras damas.

Invejam-lhe todas a robustez.

E querem saber a receita de que usa para conservar tudo aquillo rijo e forte.

Não diz ella por vergonha, mas descobriu-se-lhe o segredo.

A cousa está na alimentação.

Ella alimenta-se de brôa de milho. Brôa de milho e azeite.

Descobrio este segredo o Silva P'reira.

Não o compromettam, porém ; elle não quer que se saiba.

XVIII

ISABEL PORTO

Ao encetar esta figura, vem ao caso pedir emprestada ás comadres parteiras a sua phrase de chavão, quando vem á luz uma criança :

— E' a mãe toda inteirinha !

Sim, ella é a filha de sua mãe.

E' o miôlo d'aquella casca, o cerne d'aquella cortiça, o côco d'aquella noz, o caroço d'aquella azeitona.

E' a Sra. Anna Costa, sem tirar nem pôr.

Mas é a Sra. Anna Costa por dentro.

E' a figura d'aquella fôrma.

E' a espada d'aquella bainha.

E que lamina que é !

Lisa, reluzente, sem arabescos, nem relevos, afiada e aguçada . . .

Perdão ! aguçada não : é rombuda.

Defeito da fôrma, não defeito d'ella.

Quanto ao resto, é tezazinha, é durinha, em-
pertigada e roliça.

Tem no entanto suas falhas e suas fendas.

Outro defeito do molde.

Ou então foi vasado antes do ponto de fusão
o metal de que é fundida.

D'ahi as desafinações que selhe notam na voz.

Por isso, quando lhe tocam, tine como moeda
xemxém.

Vê-se logo que é raxada : o metal tem pouca
liga.

Parece mesmo que ao fundirem-n'a o molde
afrouxou e deu de si.

E, afrouxando, a parte de baixo engrossou

Engrossou, prejudicando o desenho do mode-
lado.

E as proporções ficaram assim defeituosas.

Deste desastre resultou um bem para a
figura :

Tendo demasiado peso na base, levanta-se
apenas cai.

Sómente de cada vez que cai levanta-se um
tanto amolgada.

E como cai muito, molga-se muito.

E' por isso que, sendo nova, já está estra-
gada a figura.

Comtudo, bem arêada com camursa e pó de tijolo, a figura ainda faz figura.

No tamanho nunca se lhe notou differença.

Pois que nunca cresceu.

Nem tão pouco nasceu.

Sahiu.

Sahiu da fôrma tal qual é.

Como a Minerva sahio do cerebro de Jupiter, armada de ponto em branco, de elmo e de lança em punho.

Ella, porém, não trouxe lança.

Mas sahio artista dramatica, artista feita, artista completa.

Foi sahir da fôrma e entrar no theatro.

E entrou logo como primeira dama.

Não como ingenua, nem como galã, nem como central, nem como lacaia.

Mas como tudo, pois de tudo faz.

E sem esforço, naturalmente.

Visto que de tudo faz uma só cousa.

Quem a vê hoje pela primeira vez pôde fazer de conta que viu-a na primeira vez que representou.

E não erra.

Ella mõe o papel bem moidinho, como pimenta do reino ou como café torrado.

Mette-o depois dentro de si, e, chegada a occasião, é só abrir a torneira e deixar sahir.

Aquillo sai direito e a compasso.

De palmo em palmo, é uma virgula.

Uma virgula e um folego.

Se o palmo acerta em meio de uma palavra,
isto não obsta.

Arruma-lhe a virgula e toma folego.

A palavra fica em duas, mas o compasso
fica certo.

Dizem os criticos : « Não faz progresso ! »

E' engano. Foi a arte que estacionou.

No entanto ella se reserva para um triumpho
supremo.

Ha de ser a sua ultima palavra no theatro.

Cantará uma aria :

Os Phosphoros a dez réis.

E' uma aria de familia.

Sahiu com ella da fôrma.

XIX

ISMENIA

E' uma estatua de carne, mas de muito bôa carne.

Pouco ôsso, pouco nervo, bôa febra e algum tutano.

Que cozido que ella dava !

E que filet !

Sobre tudo se lhe juntassem suas batatas.

Do mocotó nem se falla !

Mocotó gordo assim é geléa.

Quem quer que é que a esculpiu tinha na idéa algum jantar de familia.

E com certeza era um comilão.

O estylo é o homem.

Olha-se para esta figura, e vê-se logo que o seu autor gostava do solido.

A plastica era todo o seu cuidado.

Póde-se assegurar que, modelando-a, a cada toque da espatula lambia os beiços. . .

Se é que não a lambia a ella.

O guloso !

Fêl-a como um padeiro faz uma rosca para leilão de festa de São Gonçalo : arredondando-lhe as fórmãs, alisando-lhe a superficie, tostando-lhe a côdea.

No theatro não dá só para o cozido, para o filet, para o mocotó.

Dá para todos os pratos, desde o rosbife até o picadinho á bahiana.

E' um quitute apimentado, é um pastel coberto de assucar, é uma almondega com a sua azeitona dentro, com os seus cominhos; é uma murcella, é um bife succulento !

E tudo isto bem temperado.

Ha quem diga que a carne é dura.

Provavelmente ha de ser intriga dos desdentados.

Como se para esses não houvesse o tutano !

Próvem-lhe o tutano, e fallem depois.

Em todo o caso, é um prato que enfeita a mesa.

Então com aquella cabelleira loura da ultima moda, é uma perfeita *mayonaise*.

Ha de tudo alli dentro.

Ha o drama, ha a comedia, ha a farça, ha a opereta, ha o entremez, ha a trage . . .

Não! a tragedia não ha!

Quando ella entrou para o theatro, já não se usava a *Ignez de Castro*, nem se usava ainda a *Ignez Gomes*.

Deu-se mesmo nessa occasião um episodio em que muito se fallou :

A tragedia sahia quando ella entrava.

Nem se quer se cortejaram.

Isto fez até que parodiassem Victor Hugo.

Alguem, que presenciou o encontro, disse, apontando para ella primeiramente e depois para a tragedia :

— *Ceci tuera cela!*

E matou.

O Rossi, quando aqui esteve, não representava senão a tragedia e o alto drama.

Mas um dia foi vê-la.

Foi vê-la e foi cahir.

Cahiu com ella na comedia, que não lhe achou uma espinha!

Nem ôsso!

Pudera! se aquillo é carne só!

E fresca, sem sal nenhum!

Carne defumada, carne de vento.

Depois disso fez-se carola.

Usa de cilícios, macera-se, ouve missa, e até se confessa.

Só o que ainda não pôde foi acostumar-se ao jejum.

Consegue não almoçar, consegue não janta , mas á ceia . . .

A' ceia é cada posta de carne !

Tanto que não se sabe ao certo se é ella quem tem de comer a posta, se é a posta que tem de comê-la.

Parece que comem-se uma á outra.

XX

JESUINA MONTANI

E' talvez o unico exemplar que resta das imagens que adornavam as antigas *Cartilhas* do padre Ignacio.

E por isso mesmo encardida e roída pela traça.

O que não é só effeito do tempo, mas tambem das peregrinações em que tem andado.

Na *Cartilha* d'onde foi arrancada representava talvez de Magdalena.

Ainda hoje, ponham-lhe uma caveira ao lado, e não representará outra cousa.

E', pois, uma Magdalena sem caveira.

Sem caveira e sem peccados.

Pois que foi sempre ingenua, e já agora selo-
ha até morrer.

E de tão ingenua que é, chega a nem comprehender as malicias que ha nos ingenuos papeis que representa.

O que se vê na inflexão unisona que a todos elles dá.

Póde-se dizer que é a vovó das ingenuas.
Artista mais conscienciosa e igual não ha.
Ha quarenta annos comprehendia a arte dramatica como a comprehende hoje.
Daqui a outros quarenta ainda ha de ser a mesma cousa.
Não estuda os seus papeis.
E não os estuda porque não os lê.
Como não os lê porque . . .
Porque o Sr. Hudson ainda não tinha inventado o seu methodo.
O que tudo não tira que os decóre.
Decora-os e recita-os como ninguem, sem falta de virgulas, nem de pontos e accentos.
E' entrar em scena, e lá vai como lh'os ensinaram, p a pa, Santa Justa.
Em scena, e mesmo fóra de scena, é macia.
Não será feita de velludo, não o é, com certeza ; mas é forrada de belbutina.
Passem-lhe a mão, e hão de vêr.
Mas passem-lhe a mão ao correr do fio. Se o fizerem contra o pello, arrepía e arranha.
Além dos seus papeis de ingenua, tem uma especialidade nos theatros :
E' não parar em nenhum delles.

XXI

JOANNA IUVINI

E' toda feita de ôsso.

Mas de ôsso muito magro e muito secco.

Vista de longe, parece lisa e polida.

Examinada de perto; vê-se que é cheia de arabescos e rendados.

E' quasi uma filigrana.

Parece um agulheiro, desses de tarracha, que se encontram nos taboleiros dos mascates italianos.

Parece, porém não é.

O que é realmente, não obstante a fórma, é um amuleto.

Foi achada nas catacumbas de Roma.

E trouxe-a de Italia um frade barbadinho, entre diversos bentinhos, rosarios e outros pendurcalhos que elle trazia comsigo.

Por isso não pagou direitos de alfandega, como toda a couça de frade.

E' quasi um contrabando.

Entre as virtudes que o frade lhe dava, attribuia-lhe a de derreter as banhas ás pessoas gordas.

Dahi o apêgo que lhe tem a Sra. Helena Balsemão.

E a inveja que da Sra. Balsemão tem o Nicoláo Badaró.

Foi para emmagrecer que a actriz Ismenia mandou buscal-a ao Rio-Grande.

Veiu, e não só emmagreceu a actriz, como tambem emmagreceu a empreza.

E', pois, uma sanguesua, mas de ôsso.

Posta no theatro, fez-se discipula da emprezaria.

Aprendeu tudo quanto esta sabia, e depois exclamou :

— *Ed anch' io sono atrice !*

E desgrudou-se da actriz Ismenia.

Desde então é primeira dama.

Faz de ingenua, e de vez em quando deita sua galã dramatica.

Por enquanto não é illustre, mas é illustrada já.

Escreve em prosa, e escreve em verso.

E escreve com facilidade, sobretudo quando copia ou quando sabe de cor o que está escrevendo.

Actualmente trabalha com afinco em uma obra que ha de vir a lume brevemente.

Intitula-se esta obra—os *Serões de uma actriz*.

Dizem alguns intimos que estes *Serões* são plagiados.

Ha de ser calumnia, sem duvida. E' por causa do titulo que o dizem.

Como actriz e como mulher, é extremosamente modesta.

Só uma vaidade se lhe conhece :

E' querer que o seu pé seja maior que o da Sra. Ignez.

Privadamente, é uma boa rapariga.

Mora em casa grande para poder accomodar muitos hospedes.

Dá jantares e dá ceias.

Nas quaes ceias e nos quaes jantares dá a comer, porém não come.

Falla macio e assucarado.

E isto para ir de accôrdo com a sua divisa :

Não é com vinagre que se apanham moscas.

Como artista, o seu futuro é o presente.

Como ôsso, porém, seu futuro é diverso.

Ha de acabar torneada em algumas grossas de botões.

XXII

JOAQUINA PASSAROLA

A sua natureza primitiva é desconhecida, bem como o nome de seu autor, se é que o teve.

Se não foi um molusco, foi com certeza um crustaceo.

Vê-se-lhe ainda na pelle um ou outro desenho das junturas do casco.

Ao depois desenvolveu-se, e adquiriu a fôrma que hoje tem.

Se na provincia d'onde é filha houvesse naquelle tempo um museu, ahi se encontraria o casco d'onde sahiu.

Talvez exista algures, fazendo as vezes de gamella.

Póde ser tambem que o desmanchassem para bocetas de rapé.

Ou que haja sido aberto e rendado em muito pente trepa-moleque.

A tartaruga tem tido tão diversas applicações!
Hoje é aquillo que é.

Isto é, hoje é aquillo que ficou sendo ha quarenta annos, na época da sua transformação.

Corpo solido, massiço, envernizado e um tanto duro.

Não tem juntas, nem articulações.

Não é carne, nem é ôsso.

E' uma simples cartilagem.

Mas a cartilagem de que é feita permite-lhe dobrar-se, remecher-se, encolher e esticar em todos os sentidos.

Não é bem uma sanguisuga, nem uma verdadeira lesma, mas participa da natureza de ambas.

Como natureza,—é uma aberração.

Como pintura, ou objecto de arte, — é um capricho, uma phantasia.

Parece obra chinesa.

Como toda a especie rara, é pouco productiva.

Entretanto, ovo que ponha não sahe gorado.

Pois que é ovipara, um signal delator de sua natureza primitiva.

Sómente não tem época certa para desovar.

A primeira vez foi ha perto de quarenta annos.

Foi postura de um ôvo só. Mas qué ôvo !
e que gemma !

Leda não o pôz assim, nem do ôvo de Leda
sahiu tão bella Helena !

A segunda vez foi dez annos depois.

Agora, passados trinta annos, deitou o terceiro
ôvo.

Attribue-se esta irregularidade aos effeitos das
marés.

As vasantes e as enchentes influem na ges-
tação.

Não tem sexo visivel.

Sabe-se que é mulher porque veste saias.

Se vestisse calças era um homem.

Tanto mais que tem bigode.

Entrou para o theatro em uma peça de appa-
rato, uma cousa assim como os *Estranguladores*
da India.

Foi para fazer de deus Siva.

E fez com consciencia.

Com consciencia e profsciencia.

Desde então mudou de vida.

Andava estudando para parteira, e já prati-
cava particularmente.

Mas reconheceu em tempo que a sua vocação
era o theatro. •

E eil-a artista dramatica, dahi para cá.

Sómente ha uma cousa :

Conscienciosa como é, nunca representou ingenuas, nem damas galãs.

Mas creou um genero que é seu.

Do qual genero não se afasta nunca.

Quer no drama, quer na comedia, seja em sociedade particular, seja em espectaculo publico, o seu papel é sempre o mesmo :

Faz sempre o papel de sogra.

XXIII

AS JULIAS

São duas sotas de cartas de jogar.

Mas duas sotas de baralhos differentes e de differentes naipes.

Conhece-se pela picotagem.

Entretanto, ambas parecem cartas preparadas para patota.

Passem-lhes a mão no reverso, e encontrarão o furo do alfinete que as marcou.

Olhadas de frente, são cartas communs, e nada mais.

Preste-se-lhes, porém, attenção.

Sejam collocadas contra a luz, e veja-se então o desenho que representam.

§

Julia Castro

E' uma sota de copas.

Mas uma sota por cuja orelha muito se tem puxado.

Sobretudo na bisca ralada.

No theatro, tem entrado em todos os jogos, sobresahindo no lansquenet e na bisca descoberta.

Historia de mostrar as fórmãs.

Se, em vez de ser mulher, fôsse homem, não seria sota, seria o dinguinha.

Pois, quando o parceiro menos o espera, ella pula fóra.

Entretanto, o jogo em que ella entra de preferencia é o marimbo.

Pois que ahi a sota joga sempre de cima.

E em toda a partida trunfo é copas.

Mas partida jogada com ella é uma partida perdida.

Por isso, todo o emperezario a quem ella cahe em mão arreia immediatamente o jogo.

Isto quando não consegue empalmaal-a.

Mas o seu fim está previsto.

Ha de acabar nas patotas da vermelhinha.

E ficará como carta fóra do baralho.

§

Julia Gobert

Desconfia-se, não ha certeza, que seja a sota de espadas.

•

Pois custa distinguir-se o naipe a que pertence.
Tão espessa é a camada de gordura, tal é a crôsta de sêbo que a envolve por diante e por detraz.

E' carta já muito usada.

Pertenceu sem duvida a algum baralho de patrona de soldado.

O qual baralho só deve ter servido no jogo do pacão.

Ao vê-la com tanta gordura, com tanto sêbo, lembra-se a gente, sem saber porque, de uma bexiga de graixa do Rio-Grande.

Não será ?

Na fôrma é com certeza.

No conteúdo deve ser também.

A' fôrma é que ella deve a sua entrada para o theatro.

O seu primeiro papel foi o de boia.

Serviu de boia de salvação no *Naufragio de Meduza*.

Depois, uma vez ou outra, apparece em espectaculos publicos.

Quando ella se contrata em alguma empreza, é que a empreza está para naufragar.

Mas o seu forte é nas sociedades dramaticas particulares. •

Ahi deita ella as manguinhas de fóra.

As manguinhas e outras cousas.

E' carta para jogo escondido, já se vê.

A's claras, na vida ordinaria, é apenas um tumor sebaceo.

XXIV

LEOLINDA

Foi uma bôlha de sabão.

Pelo menos foi feita pelo mesmo systema.

Soprada por um canudo, cresceu, inchou, e depois solidificou-se, conservando a ultima fórma que lhe deu o sôpro.

Coagulou-se.

Póde-se dizer que é uma bôlha de sabão coalhada.

Sobre a natureza da materia de que é feita não resta duvida alguma.

Esfreguem-n'a, e hão de ver que espuma.

E' sabão, e sabão com muita potassa.

Se fôsse menor, era um sabonete... de amendoadas ou de alface, visto a sua frescura.

E outra qualidade mais :

Não se gosta.

Quanto mais se molha, quanto mais se esfrega, maior volume vai apresentando.

E' capaz de resistir a uma varrella.

Ou mesmo a duas.

Parece que, apezar de espêssa como é, ainda é bôlha e tem canudo que está soprando sempre.

Se não fôsse assim, havia de murchar.

Ou então estouraria.

Dizem que não escorrega.

Póde ser; mas com certeza tem feito escorregar.

Cousas peculiares á natureza do sabão.

Entretanto não é figura que se veja de uma vez.

Carece tempo e carece estudo.

Quando se cuida ter-lhe descoberto uma verdadeira face, eil-a que escorrega, furtando-se ao exame.

Quando muito, deixa ficar a espuma.

A espuma e o cheiro.

Pois que cheira, e cheira bem; lá isso não se lhe póde negar.

Cheira a rosas e outras fragancias, cheira a tudo, menos á santidade.

Como sabão, tem suas virtudes medicinaes.

Não cura a caspa, nem limpa nodoas ; mas engrossa bigodes e dá-lhes lustro.

No theatro não tem especialidade ; mas é especial para todos os papeis... graças a seu talento e á conservação de sua figura.

E graças tambem ao rifão que começa :

« Quem não tem cão, etc. »

(Aqui no *et cætera* do rifão faz ella o papel de gato.)

Entretanto é forte no verso.

Ella mesma parece um verso, mas um verso gordo, um verso cheio, um verso de quatorze syllabas.

E' mais illustrada do que qualquer gazeta de caricaturas, pois que o é em todas as paginas, por dentro e por fóra.

Falla bem e canta melhor.

Sómente é fria como um sorvete.

Mas é fria na scena, entenda-se. Fóra da scena pôde ser que não seja.

Se não fôsse tão gorda, era uma Galathéa... de sabão, á espera de um Pygmalião que a animasse.

Se bem que talvez não chegasse um Pygmalião só. Seriam necessarios dous ou tres.

Emquanto não os acha, vai vivendo como bôlha de sabão. E vai causando a admiração de todos.

Já não é do tamanho da bôlha que se admiram.

Admiram-se é do canudo que a soprou.

XXV

LUCINDA SIMÕES

Falta-lhe sómente a ventarola.

’Ponham-lhe em uma das mãos a ventarola e na outra uma umbella, e digam se não é uma figura chinesa, desenhada em papel de arroz, ou dessas que vem grudadas nos caixões de chá.

’E’ vê-la e lembrar-se a gente de um vaso do Japão.

’Parece uma photographia impressa no canto de um lenço branco.

’E’ um junco, esguio e flexivel.

’E’ a *badine* com que completa a sua elegancia o Sr. Furtado Coelho.

Não falla, sopra.

Em vez de palavras, solta notas.

’E’ ella conversar, ou representar, e está a gente ouvindo um copophone.

Tambem não anda, resvala.

E, esteja na sala ou esteja no campo, calça sempre um sapatinho de setim.

E calça-o bem, como quem calça uma luva.

Não se pôde dizer que ella mette os pés no sapatinho.

Vista de frente, parece um cartucho de amendoas.

E, realmente, não será?

Ao menos, é licito acredita-lo, a julgar pelas que lhe estão a saltar dos olhos.

De tudo isso nasceram as difficuldades no seu desembarque.

Ainda hoje se acredita na Alfandega que passou alli como contrabando.

Para alguns dos conferentes era um artefacto chinez.

Era uma boneca de cêra, na opinião de outros.

Era um frasquinho de cheiro, segundo estes.

Era uma comedia impressa em papel vellino, segundo aquelles.

Afinal passou como objecto de uso do Sr. Furtado Coelho.

E' o *pompon*, a boneca de pé de arroz com que elle se caracteriza.

Pois é feita de arminho e veloutine.

Quanto á fórma, é um effeito de optica .

Quando o espectador a vê, não é ella que entra em scena, é a sombra della coada através de gaze .

E' uma projecção de lanterna magica .

XXVI

MARIA ADELAIDE

Quando em Lisboa se concertava o theatro de D. Maria, ao cavarem um alicerce, encontraram-n'a, servindo de ornamento ao *tumulo de uma virgem*.

Não trazia nem inscripção, nem attributos por onde se pudesse conhecer-lhe a significação.

Muito menos tinha nome de autor.

Era uma figura anonyma.

A principio julgaram-n'a de marmore.

Mas, com o andar dos tempos, foi amollecendo, e de macia que tornou-se houve quem chegasse a acreditar que ella era de carne e osso.

Hoje todos sabem que não é de osso, nem de carne.

E' feita de leite, eis o que é.

Mas de leite condensado... é uma nata, é um queijo.

E' um queijo, não só no fundo, como na fórma.

E até no sal que ella tem.

Redondinha como é. toda vestida de branco, é um queijo fresco de Minas.

Quando traja de amarello, fica um queijo londrino.

Se mette azul e branco, isso então é um requieirão saloio, como ha na praça da Figueira.

Mas, de branco ou de amarello, e sobretudo de azul e branco, é sempre um queijo, é de leite sempre.

E' a gente vê-la e lamber os beiços.

Tirada da excavação onde foram encontral-a, utilisaram-n'a no theatro.

Não era ingenua, nem lacaia, nem dama de comedia, nem galã; centro muito menos.

No entanto era tudo: fazia os papeis de estatua.

E fazia-os bem, isso fazia.

Um dia foi daqui o Valle, e soprou-a.

O sôpro d'elle foi o sôpro de Pygmalião.

A Galathéa do theatro de D. Maria animou-se, e tres mêzes depois era actriz no S. Pedro.

Hoje é o *alter ego* da actriz Ismenia.

Onde está uma a outra está; estão ambas uma na outra.

Se acaso alguém encontrar uma só, não sabe qual das duas é que encontra.

Parecem irmãs, parecem gêmeas.

Parecem mesmo duas gemmas de um ovo só.

Pelo menos, são dous ovos da mesma postura.

Por detraz principalmente podem passar por mãe e filha.

Unicamente a gente não sabe quem é a filha, quem é a mãe.

E isto mesmo de frente.

O que é plausível, o que é de acreditar-se, é que uma sahe de dentro da outra.

Para prova, quando alguma estiver só, espiem para dentro que hão de achar a que falta.

Tudo isto, pelo passado e pelo presente.

O futuro já está sabido :

A que morrer primeiro enterra-se na outra.

Uma será o tumulo, a outra a virgem.

E, se ambas morrerem ao mesmo tempo, então engolem-se uma á outra.

XXVII

PEPA RUIZ

Nem estatua, nem pintura.

Vestida, é de elegancia inegavel.

A sêda desenha uns contornos de suaves e artisticas ondulações.

Calça uma luva com a maior distincção, e a bota assenta-lhe como uma luva.

Vão despil-a, porém, e a figura mudará de figura.

Vendem-se ahi nos armarinhos de segunda ordem, e nas lojas de brinquedos, umas bonecas, cujo corpo se compõe de uma parte de páo, outra de panno, e outra finalmente de louça.

A parte de louça é a que está a descoberto.

E' o colo e a cabeça.

Uma cabeça esplendida, ás vezes, bonita cabelleira, bem riscadas as sobrancelhas, olhos

grandes e rasgados, e a boca, de um encarnado vivo, sempre franzida em um *muchôcho*.

Se está vestida, a boneca é bonita.

Se não está vestida . . .

Encontra a gente umas pernas compridas, uns braços mais compridos do que as pernas, e nas pernas e nos braços um engonço para cada junta.

Força-se o engonço, e a boneca senta-se, ajoelha-se, move os braços, põe as mãos, acocora-se, equilibra-se.

Eis ahí o que ella é.

Nem estatua, nem pintura : uma boneca de engonço.

Mas canta, e com voz afinada ; voz pequena, mas agradável.

Se fôsse uma substancia aquella voz, era com certeza um froco de sêda.

E' uma voz modesta, uma voz medrosa, que sahe escondida e com receio de ser *vista*.

E' uma voz envolta em uma mantilha hespanhola.

No mais, sabe lêr, escrever e contar.

Sómente escreve com pessima calligraphia.

E acontece-lhe ás vezes, por esse motivo calumniar-se a si propria :

Assigna-se *Ruim* em vez de *Ruiz*.

XXVIII

ROSE MERYSS

Quem a vê não imaginã o que está alli dentro.
A julgar pela encadernação severa, suppõe-se
um ripanso.

Quando muito, concede-se que seja a *Vida de
Santa Theresa de Jesus*.

Na opinião geral, porém, é o *Flos Sanctorum*.

No entanto, nada disto é.

Aquelle volume é uma partitura.

A partitura de uma opera buffa, completa,
com o libreto e a orquestração.

Tem até as partes cavadas.

O libreto é gracioso, picante e cheio de malicia.

A musica é alegre, saltitante, buliçosa . . .

Procurem-lhe na barra do vestido, no cantinho do avental, na fita da coifa, e lá encontrarão assignados :—*Lecoq, Offenbach, Suppé*.

Aquella encadernação não é, pois, uma encadernação.

E' a capa de papel com que os meninos de escola cobrem os livros para não se estragar o dourado dos arabescos.

Aberto o livro, é que se vê então.

E' um repertorio completo.

Contém tudo, desde a séria *Jeanne d'Arc* até o *Bocacio*; até o *Taisez-vous*.

E' perigosa a leitura daquelle livro, e perigosissima a execução daquelle partitura.

Por isso, bem poucos lhe têm mettido o dente.

E dos poucos que lh'o têm mettido muitos se têm engasgado.

XXIX

ROSA VILLIOT

E' uma estatueta vazada em kaolina, sobre um desenho de Grévin.

D'ahi a sua delicadeza.

A sua delicadeza e a sua fragilidade.

Pois que é fragil, póde-se afirmar.

A caixa em que veio da Europa trazia na tampa o letreiro: *Fragile*.

Passou na alfandega sem quebrar-se.

Em caminho, porém, rachou-se.

E no theatro, quando a desencaixotaram, encontraram-lhe, além daquelle defeito, alguns furos.

Tem-se procurado tapal-os e soldar o resto.

Não ha, porém, coagulina que se grude alli.

De vez em quando se despega ou racha, e é preciso tapar de novo.

Por causa desse defeito, succede ás vezes encher-se de ar ou outra cousa qualquer.

E é preciso então que vá á Europa para esvasiar-se.

Cheia, porém, ou vasia, é sempre graciosa.

Na scena, está entendido.

De graça, fóra da scena, é que não se sabe se ella é cheia ou não.

O que é certo é que é graciosa, e que foi vasada em kaolina *d'après* um desenho de Grévin.

Entretanto, passa por filha da Sra. Theodora.

Intrigas !

XXX

VELLUTI

E' uma allegoria, um disfarce, uma figura phantasiada.

E' quasi uma charada, um enygma pittoresco.

Mas sem decifração... talvez por falta de premio promettido.

Lembra essas estatuas que os antigos esculpam toscamente, com a idéa de representarem uma idéa.

Sómente os antigos tinham o cuidado de, em hieroglyphicas inscripções, dar idéa do que queriam representar.

Esta não traz etiqueta, e deixa na ignorancia quem pretenda adivinhá-la.

Ou, se a trouxe, está raspada agora. E', pelo menos, illegivel.

E não é só esse o mysterio que ella tem; ha outro :

De que é feita?

Tem volume, é palpavel, é materia.

Mas a que reino da natureza pertence? é vegetal? é animal? será um mineral?

Em scena parece feita de algodão em rama.

Fóra de scena é um miôlo.

Mas miôlo sem casca.

E' mais o enchimento de uma cousa do que uma cousa com enchimento.

Imagine-se uma empada sem a côdea, um pão de rala cozido em dia de chuva, uma pêra d'agua descascada, um ovo molle posto de fresco, e sem gemma, nem galla.

Parece feita de leite coalhado.

Se alguém a provasse, havia de achar-lhe o gosto de manteiga fresca de Petropolis.

Desmanchada em agua, com seus pingos de limão, deve dar um saboroso acaçá.

Se fôsse mais dura, era um sorvete de fôrma.

Assim como é, não passa de uma carapinhada.

Fundida não foi; nem esculpida tambem.

Deve ter sido amassada a dedo, como essas bonecas de cêra que as crianças modelam.

Ninguém lhe conhece a idade, nem tem idade presumivel.

Unicamente se conhece que é um monumento symbolico.

No theatro tem passado por tudo quanto se póde passar no theatro.

Fez comedias e representou-as, fez de mulher e fez de homem.

Fez mesmo melhor de homem que de mulher.

Depois, quando não fez mais nem uma cousa, nem outra, ficou fazendo o papel de avó.

E fal-o tão bem, que parece não ter feito outra cousa em sua vida.

Póde-se dizer que foi avó sem ter sido mãe.

O que é verdade é que semelha um feto.

Olha-se para ella e procura-se logo o frasco de espirito de vinho d'onde foi tirada.

Osso é o que ninguem lhe encontra.

Entretanto não é de carne.

Não será bofe?

XXXI

VICENCIA

Se fôsse pintada, era uma sepia, tirada d'esses avulsos que acompanham os jornaes de modas.

Em vulto como se vê, é um camapheu, trabalhado em lava do Vesuvio.

Um tanto grotesco e mal acabado, tem nas incorrecções do feitio o cunho das obras antigas.

Não é um objecto de arte ; é uma bugiganga.

Na vitrina do Luiz de Rezende ou do Farani seria um desconchavo ; seria um primor no taboleiro de um mascate carcamano.

Agora, na collecção de numismatica do Sr. Dr. Ladisláo Netto, ahi sim, fôra uma preciosidade.

Tanto mais que não ha outro exemplar.

O quê representa ninguem sabe : é um capricho de quem a fabricou.

No entanto, ao encontral-a, procura a gente

distinguir o cabo de vassoura em que ella vai montada.

Não é uma creatura, é um arremêdo.

Um sonho não se poderá dizer que seja ; mas é de certo um pesadelo.

Em uma casa de dar fortuna occuparia com vantagem o throno do manipanso.

Faria alli perfeito *pendant* ao gallo depennado que figura sempre nas festas dos quibombos.

E' pequena, é magrinha, é secca, mas é rija.

Dizem que — agua molle em pedra dura tanto bate que até fura.

Alli não fura nada.

Pretender fural-a é malhar em ferro frio.

Toda ella é um nervo . . . mas um nervo secco e retezado.

Ou então é uma corda de tripa para rabecão.

Infelizmente é uma corda desafinada . . . por falta de breu provavelmente.

Quem olha para ella, e a examina com attenção, acredita na metempsychose.

Pois não estará alli um bacalháo salgado ?

Custa a crer por causa da cabeça.

Mas a cabeça pôde ser postica ; parece mesmo que é de tarracha.

E tanto mais que, quando está decotada, vê-se-lhe a rosca do pescoço.

Olhada de longe, parece feita de raiz.

Parece mesmo uma raiz... de aipim, ou de mandioca.

E, ainda assim, uma raiz murcha.

Tem boca, porém não é por ella que falla.

A voz sai-lhe pelo nariz. Não é falla, é espirro.

Quem a ouve fallar exclama logo: Viva!...

Domnus tecum.

Não obstante tudo isso, a sua entrada para o theatro foi um triumpho.

Estreou em uma peça phantastica. Fez o papel de feiticeira no *Macbeth*.

Representou ao vivo, já se sabe. E d'ahi o seu successo.

Peça phantastica sem ella é cousa impossivel quasi. Falta-lhe a côr local, falta-lhe o tom, falta-lhe o nervo... o nervo sobretudo.

Tambem, toda a peça em que ella entra é *ipso facto* phantastica.

Entre ella em scena por onde entrar, venha dos bastidores, venha do fundo, ao espectador affigura-se sempre que ella surgio de um alçapão.

(Os alçapões nos theatros forão inventados para ella.)

E depois é um cheiro de enxofre!...

Parece que riscou-se um phosphoro de dez réis a caixa... d'aquelles do duetto da Sra. Anna Costa.

Não será ella mesmo um phosphoro ? não será uma mecha ?

.....

Todavia, tem boa alma e bom coração.

A casca é aspera e dura como a casca da sapucaia, é mesmo um cascão ; mas o miolo não é máo.

E tem seus prestimos além do theatro :

Cura espinhelas cahidas, e, em falta de parteira, sabe cortar o seu umbigo.

Mas no que ella é eximia é em rezar quebrantos e máos olhados.

O theatro que a possui tem n'ella uma figa contra o feitiço.

Parece incrível, mas é verdade, tão pequenina e com tantas cousas ! E' um resumo.

E' uma fabula instantanea.

SALA N. 4

CRITICOS, AUTORES E ACTORES

CRITICOS, AUTORES E ACTORES

I

A. DE ALMEIDA

E' um homem, asseguram que é.

Mas um homem-mulher, isto affirmam tambem.

Não, é questão de fórma, comprehenda-se; é questão de fundo; é quanto ao sentimento.

Quanto ao feitio, não é lá para que se diga.

Visto a secco, sem atavios, nem suspensorios, é um burguez simples, um burguez commum.

Todo asseiado, todo frisado, enluvado e perfumado, isso então é outra cousa: é um *dandy*, um *galant'uomo*.

Exceptua-se o nariz, já se vê; um nariz rombo, mas innocente, um nariz que não se mette em tudo, mas em que tudo póde se metter.

E isto por uma virtude: a virtude da grossura.

Ha, portanto, alli duas individualidades: uma de dia, outra de noite; uma em casa, outra *en ville*.

De dia, fuma cigarro ; de noite, atira-se ao havano.

Em casa, é o typographo ; na rua, é o jornalista.

De dia, escova a roupa que tem de vestir de noite ; de noite veste a roupa que escovou de dia.

Em casa é um páo de sabão da venda, um pacote de potassa ; na rua é um frasquinho de cheiro, um pivete de benjoim.

No theatro porém, é que é vêl-o.

Alli é uma *toilette* completa, *toilette* de moça bonita, com todos os cosmeticos e pomadas, com as suas mil escovas e competentes seringas.

Tambem não vai ao theatro para vêr ; é para ser visto que lá vai.

E vai a todos—todas as noites.

Excepto quando está doente.

Pois que então só vai ao Alcazar...

Ou o Alcazar vai a elle.

O que é tudo a mesma cousa.

D'ahi aquellas chronicas alambicadas, rescendendo a patchouly e bergamota.

Em questões musicas, porém, é que elle se faz valer.

Ainda o panno não subiu, e elle já trauteou a symphonia.

Canta o soprano, canta o tenor, o baixo ou o barytono, canta o contralto, os córos cantam, e antes d'elles já elle cantou tudo.

E' um ritornello personificado.

E' mais :

E' uma *tessitura*, um *spartito*; é uma partitura, uma opera: musica, libretto e até orchestra.

E' um *potpourri* bem acabado.

Tem desde as primeiras partes até ás massas choraes, desde a batuta até os tymbales.

Como auctor dramatico, só escreve a proposito; e estes mesmos de encomenda.

Tem escripto muito, e promette ainda mais.

De tudo, porém, quanto tem escripto e de quanto lhe resta a escrever, só de uma peça se desvanece.

Essa ha de leval-o á posteridade.

A elle e ao actor Martins.

Não lhe assignem o *Figaro*, escondam-lhe as escovas, tirem-lhe a funda, pisem-lhe o tapete com os sapatos sujos, partam-lhe as molas (as d'elle mais as do sophá), summam-lhe até a seringa, tudo elle supporta resignado.

Não o offendam, porém, na peça.

Elle é o auctor do *Nhò-Quim* !

II

A. DE CASTRO

E' um pastel de pretendida escola franceza.

As tintas pouco esbatidas, a incorrecção do desenho, o desacerto do claro-escuro, a má distribuição de luz, o achatado da figura estão, porém, denunciando a mão de um curioso como seu autor.

Não fôsse o tamanho, não fôsse a largura, passaria por um ornato de caixa de phosphoros de cêra de Roche & C., de Marselha.

Para ser tomado como figura de transparente de *abat-jour* de algum candieiro de kerosene, bastaria que tivesse alguma nodoa de azeite.

Talvez tenha.

De azeite ou de sêbo.

No entretanto, ha certo arrojo nesta figura.

Embora estejam as tintas já desbotadas, bem se vê que quem a fez tinha aptidão para fazer melhor.

•

Aquillo foi pintura de encomenda, com dia marcado para a entrega.

Bem se vê que foi feito ás pressas.

A's pressas e sem modelo.

A' primeira vista, parece que, ao pintal-o, houve a idéa de fazer-se um Christo.

Em vez do Christo, porém, sahio a figura que se vê.

Com certeza, ao terminal-o, o autor sorriu-se como se visse umá caricatura do *Bazar Volante*.

Sorriu-se, e sem mais demora, antes que se arrependesse, foi entregar a encomenda.

Ainda assim, posto em distancia e á meia-luz, produz um certo effeito.

Quem o examinar, porém, de perto perde o tempo e a illusão.

Este defeito é qualidade muito commum nos pasteis.

A primeira sala adornada por esta figura foi a da *Semana Illustrada*.

Serviu alli por muito tempo de modelò ao Dr. Semana.

Ao Dr. Semana e ao seu moleque.

Um dia sahio de lá para figurar n'um espectáculo do Gymnasio.

•

Foi para servir nos quadros vivos das celebres
Scenas do Tyrol.

Era a figura que animava os quadros.

Foi dahi que lhe nasceu a paixão pelo theatro.

Para figurar naquelles quadros, tinham-lhe encaixado certas molas e cordeis por traz da téla.

Desde então, é só puxar-lhe pelos cordeis, e as peças vão cahindo.

E' um machinismo curioso aquelle.

Semelha as machinas de imprimir cartões de visita em cinco minutos.

Faz uma comedia, faz um drama, faz uma parodia ou uma opereta com a mesma presteza com que o Sr. F. Cathiard faz um par de botas.

Depende só de puchar-lhe pelos cordeis.

E de ter prompto o cabedal.

No mais, é torno aqui, ponto acolá, algum *calembourg* usado, um pouco de cerol, está feito o par de botas, está a comedia prompta.

Nos pés do freguez as botas tomam geito.

As comedias tomam geito em o artista pondo-lhes as mãos.

Ou mettendo-lhes os pés.

O que ás vezes é tudo um.

Em resumo, é uma figura curiosa... e quasi, quasi original.

Hoje é uma raridade do museu do Sr. Picot.

Mettido em uma velha moldura, e collocado quasi na sombra, é impingido como obra antiga.

Faz *pendant* a um Achilles que está pendurado na mesma sala.

E é o divertimento do menino Tinoco, que passa o tempo a puchar-lhe pelo cordel.

III

AMOEDO

Um Sant'Antoninho onde te porei, eis o que é.
Alli onde o estão vendo, lisozinho, todo lustroso, está pedindo mesmo um altar.

Pelo menos merece um throno.

Mas um throno desses armados na alcova da sala com caixas de sabão e de charutos sotopostas em degrãos, e que a gente vê através das rotulas em noite de 13 de Junho, no Sacco do Alferes, ou na Gambôa.

Não é um Sant'Antoninho para milagres ; para feitiços é que elle é.

E' um Sant'Antoninho de casa de pobre, santo para promessa de véla de cêra de quatro em libra.

Não é tão pouco para missas, nem trezenas.

O que lhe assenta é o responso com cateretê : a ladainha e depois o samba !

Não se festeja com salva de bombas, nem

girandolas; é obrigado a cartas de bichas, rodinhas da sécia e busca-pés.

E' santinho de cima de mesa com toalha de renda de crivo.

No entanto é milagroso, isto é.

Milagroso ou feiticeiro.

Não ha preto fugido que não se recolha á casa em elle estando mergulhado no poço; nem rapariga que não case, desde que o queira embrulhar na saia.

E elle anda sempre embrulhado.

Até as velhas, em agarrando-se com elle, encontram casamento.

E' só pegar-lhe no cordão.

Não ha actriz velha que o fizesse...

(E quasi todas tem-n'ó feito.)

.que não achasse logo um marido..

Algumas até dous.

Além destas, elle tem todas as outras propriedades do santo.

No theatro, quando representa, é como se estivesse prégando aos peixinhos.

O tablado do theatro para elle não é um palco, é um pulpito.

Elle é o Sinházinha da scena.

A palavra sahe-lhe dos labios macia.

Tambem, pudera não sahir! se elle a mastiga antes de solta-la!.....

Sómente, ao mastiga-la, ás vezes chupa-lhe o succo todo.

Tem repugnancia ás scenas de amor, quando as representa com a dama ingenua.

Ahi é que elle mastiga mais.

Com a dama galã, mastiga e cospe.

O seu forte é a dama central, já madura.

Em scena de amor com dama central, não só mastiga como masca, e não só mastiga e masca, como até engole.

A's vezes engasga-se; mas passa logo.

De quando em vez desaparece.

Está representando um galã qualquer, a peça vai fazendo carreira, e de repente, zás! eil-o que some-se.

E' que vai salvar seu pai.

Em elle sumindo-se daqui, está em Mariangú ou Macahé, salvando o pai ou enterrando um drama.

Note-se:

Não é elle quem o enterra; elle apenas abre a cova.

Para enterral-o vai buscar sempre a Sra. Anna Chaves, sua galã-coveira predilecta.

E' ella quem lhe enterra tudo. E' o sarcophago delle, é a sua cova.

Ha de acabar por enterral-o a elle... se é que já não o enterrou alguma vez.

Eis ahi o que elle é.

Quanto ao feitio, é commum.

Com um paletó do Sr. Medeiros seria um *dandy*.

No resto, é um santo.

Não um actor santo, isso não... Ha no theatro muita dama central.

O que elle é é um santo actor.

IV

ANDRÉ

E' feito de páo...

E' feito, não; é mal feito, eis o que se deve dizer.

Foi começado e foi acabado, mas começado sem regra e acabado sem geito.

Quem o fez não contava com o futuro.

Fel-o como quem faz uma figura para servir em coreto de iluminação, ou em fogo de artifício.

Fel-o para servir uma vez só.

Uma vez só e de longe.

Dahi o mal acabado da figura.

Depois de esboçado, passaram-lhe rapidamente a lixa e deram-n'ó por prompto.

Semelha assim um desses bonecos de madeira que vêm nas caixas de brinquedos.

E' o Noé de uma daquellas arcas.

Esses bonecos não têm feição característica, nem sexo.

São tanto homens como mulheres.

São uma idéa, não passam disso.

Sobretudo se não estão pintados.

E' o que lhe succede a elle : em estando sem pintura, isto é, fóra da scena, é uma idéa, e nada mais ; é apenas uma intenção.

No entanto é ahí mesmo que está o seu valor.

Como não significa nada, pôde tudo significar ; como não está definido, tem applicação para tudo.

Feito de páo como é, é páo para toda a obra.

Falta um membro qualquer á empresa ? elle substitue o membro que falta.

E' um galã ? é um tyranno ? um centro, um baixo-comico ? é uma ingenua que falta ?

Elle faz de galã, faz de tyranno, faz de centro e baixo comico, faz de ingenua.

A ingenua principalmente ; esse é o fraco em que elle é forte.

Precisa-se de um musico na orchestra, de um tangão no bastidor ? Elle faz de tangão, elle substitue o musico.

Já uma vez, por um triz, esteve para substituir o elephante do *Ali-Babá*.

Não o fez por falta de tromba.

Eis ahi como, não sendo nada, elle é tudo.

Não é um artista, é uma companhia; é um elenco inteiro, é um theatro.

A Phenix sem elle não era a Phenix.

Faltava-lhe o nervo, faltava-lhe o virus, faltava-lhe tudo.

Era a Phenix mutilada, a Phenix côxa, a Phenix cambaia.

Graças a elle, ella anda, ella caminha, e pouco manqueja.

Elle é uma escora, é o espeque que a sustém.

E' a muleta da Phenix.

E' um bem de raiz que ella possui.

V

AREIAS

Vê-se bem, e sem maior exame, que não foi acabado.

Póde-se mesmo duvidar que tivesse sido começado.

Cuidaram do torso, se é que cuidaram, e esqueceram-se do resto.

Conseqüentemente, não teve principio nem fim.

E', como se costuma dizer, uma cousa sem pés nem cabeça.

Ha alli o quer que seja que o reduz a um meio.

E' um verdadeiro *centro*.

Tem no entanto uma fórma.

E' curto e grosso, e um tanto chato tambem.

Não é rombo, isso não; mas é rombudo.

Contunde, porém, não perfura.

Tambem, cahindo, não se quebra.

Nem se quebra, nem produz som. E' da natureza das cortiças.

Quanto á substancia de que é feito, ha suas duvidas.

De carne é que não é.

Ou, se é de carne, não tem fêbra ; é só moxiba.

Todo macio, todo flacido, parece um ubre já cozido.

E' para acreditar-se que o fizeram com a mesma substancia de que é feita a Sra. Velluti.

Fizeram esta primeiramente, e com o sobejo formaram-n'õ.

Assim se explica o não ser elle completo ; por falta de materia prima.

Sua entrada no theatro foi quasi uma tramoia de peça magica.

Um bello dia appareceu alli.

Sómente o seu apparecimento coincidiu com o sumiço, de uma figura que estava na sala de pintura.

Era um boneco que o scenographo retocava para contrafigurar um personagem na peça que se ia representar.

Contrafigurou elle, e ninguem deu pela falta.

•

Suppõe-se mesmo que o scenographo foi chamado á scena.

Depois disso, cantou o *Zé do Capote*.

E ficou sendo desde então um cantor encaipotado.

Tem voz de baixo, mas abafada, voz de zabumba em procissão de enterro.

De vez em quando deita barytono, mas barytono obrigado a pharol na porta.

Entretanto, por obsequio aos empregarios, toma parte nas representações dramaticas.

E ahí atira-se aos tyrannos.

Fal-o ás vezes com tanta verdade, que até ao publico tyrannisa.

Apezar, porém, de tudo isso, é um artista de vistas largas.

Vê um palmo adiante do nariz.

Então com o auxilio dos oculos vê mesmo mais de um palmo.

E, se augmentar o gráo dos vidros, pôde vêr mais longe ainda.

No entanto tem bom fundo.

Não falla no diabo sem persignar-se, nem lê os escriptos de Ganganelli....

Apezar de ser maçon.

VI

ARTHUR AZEVEDO

Ninguém adivinha o que alli está.

Guiam-se todos pela fôrma, e ninguém lhe olha para o fundo.

Apalpam-lhe sómente a côdea e não pezam-lhe o miôlo.

Assim, pensam que elle é um homem, quando não passa de uma parodia.

E parodia obrigada á musica de Lecoq ou de Offenbach.

E', pois, um boneco de segredo.

E' a figura gaiata de uma *boîte à surprise*.

Calquem na mola da boceta, e hão de vê-lo saltar logo, todo teso, todo duro.

No entanto é um rapaz bonito.

Bonito e até gordo.

Bonito assim, e rechonchudo, com a cabelleira

que tem, e outras qualidades mais, está talhado para tenor.

O que lhe falta é sómente a voz.

Além de gordo e de bonito, é forte, é robusto.

Tão robusto e tão forte é, que anda agora carregando ás costas a Phenix e o nariz do Heller.

Em compensação, a Phenix *carrega-lhe* as parodias.

Apezar do conservatorio...

E apezar de outros pezares.

Não obstante tudo isso, é todo leve e ligeirinho.

Parece feito de pedra pomes.

Muito volume, muito enchimento, mas sempre a boiar na tona.

Gosta pouco de fallar, mas vingá-se em escrever.

Serve-se dos dedos em vez da boca.

Ha muito quem falle pelos cotovellos; elle falla pelos dedos.

E' por isso que não tem os cotovellos rôtos.

Sua estréa no theatro foi um verdadeiro bom-successo.

(Bom-successo sem fabula, nem calembourg; verdadeiro, verissimo bom-successo.)

Deu á luz a *Filha de Maria Angú*.

Não se póde dizer bem que seja elle o pai da *Filha*.

A menos que seja tambem o pai dos filhos de Zebedeu.

Tão pouco a mãe não é.

No entanto, como foi d'elle que ella nasceu, elle não passa de inventor.

Inventou depois a *Casadinha* e outras.

E...

(Mas isto aqui á puridade.)

espalham as comadres lá do theatro que elle está já de barriga, e para cada hora.

VII

BARBOÇA

E' o irmão gêmeo da Sra. Helena Balsemão.
Foi pintado depois della.

Foi mesmo feito por outro artista, mas feito já para *pendant*.

O tom das tintas é o mesmo ; a differença está nos fundos.

Em um, as tintas são mais quentes ; no outro destacam-se os accessorios.

Quanto ás figuras, têm o mesmo vigor.

Ao vêl-os juntos, acredita-se que um foi calçado sobre o outro.

Talvez fôsse.

Vistam o Sr. Barbosa de mulher, ha de dar por força a Sra. Balsemão.

Vistam de homem a Sra. Balsemão, ha de por força dar o Sr. Barbosa.

E' questão de um par de calças.

E de outros pares de outras cousas.

Até fallam a mesma lingua.

E escrevem com a mesma orthographia.

A Sra. Balsemão assigna com V o seu nome, e é com V que o Sr. Barbosa escreve o seu.

E' tal a semelhança, que o contra-regra chega a enganar-se.

Já n'uma conta elle apresentou :

« O bigode do Balsemão ;

« A perna postica da Barbosa. »

São de igual prestimo no theatro : em peças em que ha saloios, elle é o *galão*, ella é a *galôa*.

Até como autores se parecem.

Com o Sr. Rodrigues traduziu elle o drama *Fé, Esperança e Caridade*.

Ella traduziu o *Vêo de Renda* com o Sr. Cesar da Cunha.

Nenhum dos dous ficou por baixo.

Está, pois, provado que elle é o gemo d'aquella gema.

Quando se encostam um no outro, semelham uma banana inconha.

Talvez o miolo seja diverso; mas a casca, essa é a mesma.

A mesma na côr, fique entendido ; que na espessura, isso não.

O Sr. Barbosa tem a casca grossa.. embora elle seja liso, seja polido.

Polido e liso, e até macio.

Parece que é cheio de paina. : ou de outra qualquer substancia fôfa.

E' tão macio, tem a natureza tão molle, que nunca pôde fazer um papel de tyranno.

E' nos frades que elle sobresahe.

Em havendo papel de frade, é delle com certeza.

Tem o habito do habito.

Parece mesmo que já foi frade em algum convento.

Guardião, ou pelo menos leigo.

Para sê-lo nada lhe falta : nem a manha, nem o cachaço.

Consta mesmo que ia para o convento, quando errou a porta e entrou no theatro.

E, como entrou, ficou.

Consequencia : é actor por erro.

VIII

BRAZÃO

E' uma criança.

Quem olha para elle diz logo que o é.

E, o que é mais, uma criança que mama.

O ponto está em achar a têta.

Ou em metterem-lh'a na boca.

Todo louro, todo rosado, parece filho da
Sra. Aurora.

Não será?

Ou da Sra. Balsemão.

E' segredo que quem sabe é só a Sra. Elisa.

Pois foi ella a comadre que o aparou.

Que o aparou e lhe cortou o umbigo.

Mas, seja filho da Sra. Aurora, seja filho da
Sra. Helena, em todo o caso é um engeitado.

Ao menos, nos *Engeitados* foi que elle aqui
appareceu.

Só lhe falta o sêllo da roda.

Mas, se tem que se queixar do sêllo da roda,
não pôde se queixar da roda da fortuna.

E' um engeitado aceito por todos....e que
todas tambem aceitam.

Em apparecendo no theatro, brigam todas
para pôl-o ao collo.

Se elle é tão galantinho!

Foi em Lisboa que o fizeram.

E com toda a arte, e com todo o geito, para
servir de Cupido.

D'ahi aquelle pendor, aquella veia para os
papeis de amoroso.

Papeis que representa sempre, dentro e fóra
do theatro.

E quasi sempre com successo.

E' um cupido de nascença.

Só lhe falta a venda nos olhos ; setta e aljava,
isso tem elle.

Tambem os Cupidos usavam de venda
quando as Venus andavam nuas.

Hoje, quando muito, nos olhos dos Cupidos
ha só peneira.

No entanto elle é uma criança artistica.

No collo do Sr. Barbosa, é o menino Jesus
de um Santo Antonio.

•

Conversando com o actor Galvão, é um dos filhos da Candinha.

Ao lado da Sra. Helena, ou aos pés da Sra. Aurora, lembra a *Leda* de André del Sarto; só falta alli a casca do ovo.

Pela mão do actor Valle, é um menino prodigio que embasbaca o publico.

No regaço da Sra. Elisa, é uma criança que se desmama.

IX

CYRIACO DE CARDOSO

E' um *croquis* feito a bico de penna por Victor Hugo.

Depois de rabiscal-o, contemplando-o, concebeu o grande escriptor a idéa de um livro, que o mundo inteiro admira.

O livro é o *Homem que ri*.

O modelo foi elle.

Alli, naquella cara sempre aberta, sempre expansiva, escancarada sempre, andou por força a mão desfiguradora dos *comprachicos*.

Daquella cara é que sem offensa se pôde dizer uma cara descarada.

Está sempre rindo-se, mesmo quando está serio; e ri-se de todos e de tudo.

Ri-se do drama como se ri da comedia.

Ri-se até das lagrimas da Sra. Adelaide Amaral.

Se fôsse mais bonito um bocadinho . . .

(Perdão !...mais bonito, não ; menos feio um bocadinho é que é.)

...Se fôsse menos feio um bocadinho, seria uma especie de Apollonia macho.

Na cara, entende-se.

No resto ha de seguramente haver algumas differenças.

Ao menos, é licito suppôr.

Com aquella actriz tem elle esse ponto de semelhança.

Outro ponto de semelhança tem elle, mas é com a Sra. Aurora.

Morrem ambos, a Sra. Aurora e elle, por uma luva de pellica.

Ai ! a luva de pellica é o seu ideal d'elle.

A luva de pellica está para elle como o paletó está para o actor Medeiros.

Póde não haver luvas nos depositos do autor Jouviñ, póde não havel-as na fabrica do Sertorio, póde mesmo não tel-as a Sra. Aurora, que até as calça para dormir : no bolso d'elle ha-as com certeza.

Ainda mais :

Póde succeder que não lhe encontrem meias

por dentro das botas ; mas luvas por fóra da mão, isso hão de encontrar-lhe sempre.

Quando elle nasceu, vinha nú, dizem ; mas já nasceu de luva de pellica.

Elle toca rabeça, e toca bem.

Empunha uma batuta e maneja-a com tal firmeza, que parece um habito adquirido desde criança.

Pois bem :

Os prodigios daquella batuta, os mimos daquellas arcadas são effeitos da luva só.

Ha por ahi muito quem metta os pés na musica : elle só lhe mette as mãos, e as mãos mettidas em luva de pellica.

O seu amor pela luva chega a ponto de lamentar que não tenha dez dedos em cada mão.

Se os tivera, calçava logo dous pares de uma assentada.

E' possivel que para satisfazer esse desejo, em vez de meias, traga luvas nos pés.

O seu sonho dourado é acabar na fabrica do Sertorio fazendo luvas.

Consta mesmo que está escrevendo uma opera de grande folego :

Intitula-se a *Luva de Pellica*.

Já fez suas disposições testamentarias.

O seu testamento consta apenas de duas verbas :

Em uma deixa as suas luvas usadas á Sra Aurora, para não estragar luvas novas quando dorme ;

Na outra declara que o enterrem com luvas de pellica.

Afóra esta mania, não se lhe conhece outra.

Alguns apontam-lhe entretanto um defeito :

Dizem que elle é namorador.

E' um defeito perdoavel, visto que elle namora para bom fim :

Não casa nunca, namora só.

X

EUGENIO DE MAGALHÃES

Eis um chromo cujo relevo e cujo colorido fariam honra ao seu autor.

Dizemos fariam, porque ha nelle uns traços que revelam não ter passado pelos ultimos retoques.

No entanto, está nesses traços justamente o seu merecimento.

Permittem elles que de cada lado que a gente olhe veja uma figura diversa.

Depende isto da gradação da luz tambem.

Mas de frente é que produz melhor effeito.

E' pelo menos essa a opinião da Sra. Adelaide Pereira.

Sómente lhe acha ella um senão :

Tem muitos recortes e muitas saliencias ;

Não se póde grudar-o em um album ;

Serve sómente como figura avulsa.

— Acho-o parecido com uma criança que ainda não acordou de todo, diz a Sra. Luvini.

— E eu, acode a Sra. Ignez, sempre que o vejo, me lembro de um espargo.

E accrescenta, com a boca cheia d'agua :

— Que pena que o não seja ! . .

Depois destas opiniões de pessoas tão entendidas em artes . . e hortaliças, que mais accrescentar ?

Comtudo, digamos sempre :

O recorte deste chromo casa-se perfeitamente com o recorte da Sra. Ignez.

Se os juntarem, verão como ficam justinhos.

Mas é preciso acertal-os ás avessas : um para lá, outro para cá.

E' assim que elles se podem casar.

XI

FRANÇA JUNIOR

E' um esqueleto de passaro coberto com pelle de gente.

Foram as Sras. Natté que o prepararam e que lhe grudaram a pelle em cima.

Sómente, não conseguiram equilibrar-o no *perchoir*.

E ficou sempre pendido para a frente.

Os maliciosos attribuem a outra causa esse pendor para a frente.

Asseveram ellas, porém, que é isso devido ao peso do bico (leiam nariz).

Ao peso do bico e ao tamanho.

Como elle arrancasse as pennas com que o cobriram para com ellas escrever comedias, vestiram-n'ò de frack á ingleza.

E desde então é elle o inglez mais alegre que nasceu na rua do Principe dos Cajueiròs.

Essa alegria é devida ao preparo das Sras. Natté.

Em vez de arsenico, o que lhe puzeram no enchimento foi gaz hilariante.

E por isso as suas palavras são risadas.

E' com gargalhadas que elle faz comedias.

Alexandre Dumas, dizia Paulo Féval, coça a testa e cahe um romance.

Elle solta uma gargalhada e cahe uma comedia.

Não tem signaes particulares, mas é facil conhecel-o.

E' o folhetim mais humoristico que se publica na rua do Ouvidor.

XII

GALVÃO

Que é de bronze não ha negar.

E que é massiço tambem não se pôde pôr em duvida.

Era uma estatua da contra-regra do antigo S. Pedro.

Quando o theatro incendiou-se, elle resistiu ao fogo.

Ficou um pouco chamuscado, e nada mais.

E' figura talhada para tôpo de escada nobre.

De lança em riste ou de espada em punho, chapéo de pluma e capa traçada, tem o typo de taes figuras.

E é nos dramas de capa e espada que melhor figura faz.

O *Mascara negra* sem elle é cousa incomprehensivel.

Que é velho não se pôde dizer.

Antigo é que elle é.

E o bronze, quanto mais antigo, mais valor tem.

Entretanto, nas peças modernas ainda faz boa figura.

Sómente, acontece que ás vezes, quando menos se espera, elle enrasta a lança, ou desembainha a espada.

E através do drama ou da comedia que se está representando, lá apparece a pontinha de um 5.º acto de tragedia.

E' séstro antigo, dizem ahi.

Pois não ! é mais e é menos do que séstro :

E' um signal de nascença, é um defeito de familia, como o joanete do pé da Sra. Ignez.

Quando elle sahiu do molde, já sahiu de lança em riste e de espada desembainhada.

XIII

GUILHERME DE AGUIAR

Como figura de cêra, é o que de mais acabado se pôde desejar.

E' uma figura perfeita, habilmente machinada.

E que se ageita a todos os papeis a que a destinam.

Tem as entozas bem azeitadas, e os movimentos acertados.

E' um primôr de arte.

Depois de ter figurado em varias exposições, inclusive a da Guarda-Velha em gabinete particular, foi para o salão do Heller.

A principio houve muito quem se enganasse, suppondo-o feito de clara de ôvo cozido.

Reconheceu-se, porém, que não era, pois não lhe encontraram gemma, nem estava gallado.

A menos, que fôsse um ôvo de gallo.

Ficou, pois, assentado que era uma figura de cêra.

Mas uma figura com todos os movimentos.

Nelle, tudo se mexe, tudo se encolhe e tudo se endireita.

Representa bem todas as personagens que haja de representar.

E' figura que se destaca em qualquer quadro.

Qualquer fundo de scenario lhe assenta.

Ha fundos, porém, em que elle mais sobresahe :

São os fundos negros.

XIV

JACINTHO HELLER

Eis o que se chama um perfil.

E' um verdadeiro boneco de papel, recortado á ponta de tesoura.

Não ha vê-lo de frente.

A frente delle é um gume; é uma frente de navalha.

De banda, só de banda é que elle póde ser visto.

E' como esses soldadinhos de chumbo de duzentos réis a caixa.

E' chato, é espalmado, sem relevos, nem saliencias.

Todo secco, todo comprido, mirrado como é, lembra logo um bacalháo.

Mas um bacalháo de porta de venda, desses que se penduram no barbante para amostra.

Um bacalháo que ninguem compra, obrigado a muito azeite e á muita rodella de cebôla.

E' um bacalháo para sexta-feira de pobre.

E' feito de folha de Flandres, pintado de ambos os lados para taboleta de casa de negocio.

Mas o funileiro que o fabricou ficou de certo com o juizo a arder.

Pretendeu fazer um homem, e sahio-lhe apenas um nariz.

Qual nariz! sahio-lhe um bico!

E' que o funileiro fel-o sem riscar primeiro.

O resultado é que ficou o funileiro de cara á banda, e elle com banda de cara.

O que lhe vale, o que o salva um pouco é ainda o colorido.

Aquella còr de queijo mal assado sempre dá-lhe um certo tom.

O diabo é a ferrugem, que já lhe vai fazendo cahir a tinta.

Não tem idade determinada, nem conhecida, nem presumivel.

O que se sabe a tal respeito é que quando a Sra. Clelia o conheceu, já elle era aquillo que hoje é.

E a Sra. Clelia conheceu-o quando ainda era

•

ingenua e elle fazia de galã, quando ainda não tinham ambos se atirado aos centros.

Ha que annos isso foi !..

Elles mesmos já não se lembram !

Conclue-se dahi que elle encruou.

Por isso anda tão tezo, tão duro sempre e tão lustroso, como collarinho postiço que ainda não foi lavado.

A carne que lhe cobre os ossos

(Se é que embaixo daquella pelle ha carne.)

. . . .é sem duvida conservada pelo systema do Dr. Ubatuba, de Pelotas.

Como veiu ter ao theatro ainda está para se descobrir.

Sabe-se que no Rio-Grande, a terra da carne secca, nos tempos coloniaes, havia no collegio jesuita de Missões um sacristão daquelle nome.

Será o mesmo ?

E' de crêr. Missas sabe elle ajudar.

Ninguem sacode um thuribulo como elle.

Um thuribulo e outras cousas. Tem um geito para sacudir !

Para sacudir e para soprar.

Se falla, sopra para fóra ; cantando, é para dentro que sopra.

Não é um homem, é um folle.

Mas um folle murcho, sem vento dentro.

Como artista, serve para tudo; mas onde
sobresahe é nos centros.

O centro é a sua especialidade.

Ahi é que elle é artista.

XV

JULIO HUELVA

Quatro traços e meio, pouca sombra, alguma expressão, e nada mais.

E' apenas uma caricatura.

Nella, porém, tudo é harmonia.

No seu genero, é uma das melhores que illustraram as paginas do *Mosquito*.

Grudada no *Jornal do Commercio*, destôa; fica parecendo uma vinheta como a do vigor dos cabellos.

E' talvez gordo, porém não é chato: é talvez baixo, mas é profundo.

E' solido, e massiço.

Ou antes cheio, ou recheiado, como um papo de Perú de forno.

Unicamente o seu recheio é de notas musicas: em vez de azeitonas tem semifusas.

Quem o vê adivinha logo que alli dentro ha um montão de partituras.

Encontra-se alli de tudo, desde a *Aïda* até o *Bitú*.

Ha lá dentro, naquelle recheio, desde a *Mu-
latinha do caroco* até a *Africana*.

Engole tudo aquelle papo.

E' uma especie de loja da viuva Canongia, um armazem do Arthur Napoleão.

Só lhe falta a taboleta.

Como desenho, dá uma bella estampa para frontespicio de peça musical para piano e canto.

Pela sua fôrma roliça, parece um cylindro de orgão da Barbaria.

E dahi talvez o seja ; torçam-lhe a manivella, e hão de vêr que tóca ; bulam-lhe no registro, que elle muda de peça.

Que foi boneco de realejo, isso com certeza.

Basta vêl-o, todo tezo, aprumadinho, só movendo-se ao tom da musica.

Até falla por compasso.

O seu tempo favorito é tres por quatro ; elle falla, e a gente tem vontade de walsar.

E' feito de folha de Flandres.

Apezar da pintura e do verniz, vê-se a solda que o grudou.

•

Batam nelle, e hão de vêr que produz o mesmo som que produz um bahú de lata.

Sabe musica como ninguem.

Já tocou varios instrumentos, e dizem que para o trombone tinha optimo *coup de langue*.

Hoje apenas cultiva a gaita, e isto só para conservar a embocadura.

XVI

LOPES CARDOSO

E' um invento.

Ninguem o fez, ninguem o deu á luz ; elle mesmo se inventou.

Deus dissera um dia :

— « Fiat lux ! »

E a luz foi feita.

Assim tambem um dia disse o Lopes :

— Olha esse Lopes Cardoso que sáia !

E Lopes Cardoso sahiu.

A luz estava creada ; não era já possível invental-a.

Inventou elle então o kerosene inexplosivo.

Na luz de Deus era uma questão de sóes ; na luz do Lopes é uma questão de saes . .

Questão de letra, no fim de contas.

Com a sua luz, Deus illumina o mundo ; com o seu kerosene, elle illumina as salas.

Deus fez uma luz para o dia ; elle inventou uma para a noite.

Mas... uma differença :

O sol de Deus até a o fogo ; o kerosene do Lopes apaga-o.

A sua vida tem sido um constante lidar com luzes.

Elle, que não foi dado á luz, tem vivido dando luz e dando á luz (sem auxilio das Durocher).

Começou por servir-se da luz do sol, para illuminar bellissimas photographias.

Lançou depois mão da imprensa, e deu á luz os seus *Typos*.

Em seguida, á luz das gambiarras, com as suas composições theatraes, tratou de illuminar as platéas.

O seu amor pela luz é manifestado até na musica.

Elle canta.

Não é precisamente um Tamagno, mas o tamanho da sua voz, se não chega até lá, vai até o sol.

Se não passa além do sol, é só para não se afastar da luz.

Isto tudo, quanto aos seus dotes ; agora quanto ao feitio :

•

E' curto e grosso.

Se fôsse mais fino, seria com certeza um pavio.

E, mesmo assim. cheguem-lhe um phosphoro...

No mais, é uma grande alma.

Tão grande que, para contel-a, será mister que elle invente um mundo.

Com tudo isto, tem um pezar :

Não ter inventado o calembourg.

XVII

MEDEIROS

E' um invento dos Srs. Pires & Lemos, dos seiscentos mil paletós.

Imaginaram-n'ò, e mandaram-n'ò fazer de proposito para a frente da sua loja de *roupas-feitas*, á rua do Ouvidor.

Assim, de dia figura na frente da loja, e á noite por emprestimo vai figurar no theatro.

(Em vez de figurar leia-se—representar.)

Mas no theatro ou na rua do Ouvidor, e mesmo em qualquer parte que appareça, é sempre o homem dos seiscentos mil paletós.

E' sempre o annuncio dos Srs. Pires & Lemos.

E' todo feito de madeira, por dentro, e de madeira dura e pesada.

Mas está incarnado a capricho, como os santos que vêm de Lisbôa.

E mesmo, se não fôra o seu apêgo aos paletós, bem feitinho como é, dava um santo para qualquer altar.

Nú, seria mesmo um S. Sebastião do Castello.

Quem o affiança é uma actriz devota, que vai de vez em quando aos barbadinhos.

A Sra. Ignez, que tambem lá vai, embora sem devoção, é de opinião contraria.

Diz ella que o S. Sebastião de paletó é que ficaria parecido com elle.

Infelizmente não ha santo de paletó.

Nem tão pouco ha paletós para os santos.

Por isso elle fez-se actor.

Pois não ha profissão alguma em que se tenha de mudar mais frequentemente de paletó.

Aquillo é para cada papel um paletó, quando não é um paletó para cada acto.

E como o paletó é mais commum nos galãs, foi esse o genero que elle adoptou.

Dos outros artistas diz-se: é galã dramatico, é primeiro ou segundo galã, é galã comico.

Delle póde-se dizer: é galã paletó.

E' um genero novo, creação sua, invento que é delle só.

No paletó é que consiste o seu caracteristico.

A scena capital do seu papel decide da côr do paletó.

Se é uma scena de duelo, paletó preto todo fechado ;

Se é uma scena de conquista séria, paletó abotoado com um botão só ;

Se é uma orgia, paletó azul desabotoado ;

Para scena de amores campestres, paletó alvadio ;

Em tratando-se de amores fáceis, paletó côr de rapé ;

Sendo uma scena de simples namoro, o paletó é côr de azeitona.

Quanto ao feitio do paletó, depende da actriz com quem joga a scena :

Para a ingenua, é paletó abotoado com grande traspasso ;

Para a dama galã dramatica, deita gola de sêda ou de velludo ;

Para a dama central, é paletó frack, aberto na frente e de lapellas acolchoadas ;

Para as velhas caricatas e *duègnes*, põe pestanas com botões na aba trazeira.

O paletó é, pois, o seu cunho artistico, o seu genero.

Tambem não aceita papel que não seja obrigado a paletó.

Excepto o papel de *princez* de magica.

Em havendo *princez* na peça, está sabido que o *princez* é elle.

Foi uma especialidade que elle arranjou.

E é a unica variante que os Srs. Pires & Lemos lhe permitem.

— Ou Cesar, ou João Fernandes ! dizem-lhe os Srs. Pires & Lemos.

E os echos vão repetindo ao longe :

Ou *princez*, ou o boneco dos *seiscentos mil poletós* !

XVIII

PEREIRA (DO S. PEDRO)

Obra antiga.

A côr, o feitio, o estylo, tudo ahi rescende a
holôr.

Não se sabe quem o fez.

Sabe-se, porém, que foi *pendant* da Sra. Vel-
luti.

E' conseguintemente contemporaneo dos Flo-
rindo e dos Germano.

Quando o Sr. Guilherme da Silveira, tomando
o theatro, mandou varrer o porão, foi quando o
encontraram :

Houve então idéa de restaural-o.

O Sr. Rocha, o scenographo, chegou mesmo
a dar-lhe umas pinceladas.

Mas a colla não pegou.

Alli não pega nada.

A' vista disto, resolveram conserval-o, se não como objecto de arte, ao menos como memoria.

E assim foi que ficou.

De vez em quando apparece.

Em havendo peça antiga, em que haja papel de tyranno, lá vem elle com certeza.

Conhece-se logo pelas têas de aranha que tem na voz.

Elle não falla, declama.

A voz delle vem lá do fundo, sotrna e tremula, a fazer *gró-gró-gró*, como a agua em moringa de gargalo estreito.

E' que, quando o tiraram do porão, não o limpavam por dentro.

A casaca não lhe vai.

O que lhe assenta é a bombacha.

A bombacha é o característico delle, como o paletó é o do Sr. Medeiros.

Delle póde-se dizer tambem: — o tyranno-bombacha.

E' o nosso primeiro actor capa-espada.

E' mesmo o unico capa-espada que hoje possuímos.

Para —*vultos*— que apparecem ao fundo, não ha outro da força delle.

O *vulto* é a sua especialidade.

•

♦

O *vulto* encapado, já se sabe.

Vão vê-lo em domingo de *Sete Infantes de Lara*, em alguma primeira dos *Dous Renegados*, ou no *Judeu*, em espectáculo das quatro e meia.

Aquillo é elle apparecer ao fundo.

(Porque elle não entra, elle apparece.)

... e romperem as palmas na platéa.

E' actor feito de proposito para a capa.

Elle mesmo é uma capa.

Ali dentro, onde estão vendo, além do mais que possa haver, ha uma contra-regra inteira :

Ha a espada e o capacete, ha o punhal e o veneno, o alçapão e a porta-falsa, ha a mascara, o relampago e o trovão.

Até ha sangue derramado.

Não é um artista, é um dramalhão.

O theatro que o tiver tem sempre uma peça montada a character.

E' agarrar nelle, pôl-o em scena, e pôde subir o panno.

Isto, porém, só pôde succeder no S. Pedro.

Pois que elle é propriedade exclusiva desse theatro.

XIX

PRIMO DA COSTA

Nada tem de original esta figura.

E' uma cópia ; e, ainda assim, uma cópia mal tirada, quasi um esboço.

A' primeira vista se reconhece que foi feito para servir de contra-figura do actor Medeiros.

Dir-se-hia mesmo que é um reflexo do Sr. Medeiros, mas um reflexo em espelho embaciado.

Não é, pois, um trabalho de escultura.

E' uma obra de aderecista e do mestre da guarda-roupa de algum theatro.

Como toda contra-figura, foi feito sem maior cuidado.

Ao longe, visto de passagem, ainda pôde illudir o espectador.

De perto, porém, a illusão desfaz-se toda.

Ao menos é essa a opinião das damas centraes ;

as quaes acham o Sr. Medeiros mais completo, não só á luz do gaz, como á luz da lamparina.

E algumas mesmo ás escuras.

Não é, pois, tão bem acabado.

E' como se agarrassem na roupa do actor Medeiros e enchessem-n'a de palha.

Fica sendo uma imitação, mas sem a suavidade do contorno, sem o *chic* e os *não-me-toques* daquelle actor.

Em sabbado d'Alleluia, posto em pé em qualquer esquina, encostado a uma porta qualquer, póde ser tomado como acinte feito a seu collega.

Em outro qualquer dia, não passa de uma caricatura delle.

Não é conseguintemente um retrato, é sómente uma allusão.

Parece uma dessas figuras pintadas á colia, que se penduram na scena quando a peça obriga a haver em scena um retrato do dono da casa.

E' uma especie de *marido no prego*.

Não é o actor Medeiros no prego, mas com certeza é o cabide do actor Medeiros.

E' nelle que o actor Medeiros pendura os seus paletós.

A's vezes, nos domingos, é quasi uma photographia daquelle actor.

Mas uma photographia de tres mil réis a duzia, photographia de carregação, tirada com máo colodium.

Tudo isto é por fóra só ; por dentro não se parecem.

O outro não tem nada dentro, e elle dentro é que tem tudo.

Tem cada cousa !

Conhece-se facilmente, como se conhece a gallinha que tem ôvo.

Palpem, e verão.

Quanto á sua posição no theatro, não está ainda bem definida.

Faz de galã, faz de centro, faz de pai nobre, faz de tudo, e faz de tudo ao vivo.

Faz até de actor Medeiros, com ou sem paletó.

Sómente o que não pôde fazer ainda foi de mulher.

Assim, a ter forçosamente de ser classificado, só pôde ter uma designação :

A de actor-Paturot.

XX

SILVA P'REIRA

E' filho de sua mãe.

Neste ponto estão concordes todos, e nem elle mesmo o põe em duvida.

Agora, o que nem todos sabem, nem acreditam, a começar por elle mesmo, é que é filho da Sra. Gertrudes.

Pois é.

Para verificar-se basta só olhar-lhe para o bigode.

O bigode delle, entenda-se.

E, se esta prova não é sufficiente, ha outra a cuja evidencia não se resiste :

E' mettel-o dentro della.

Mettam, mettam só para experimentar, e hão de vêr como fica justo e bem encaixado.

A Sra. Gertrudes assenta-lhe como uma luva de pellica.

Da mesma maneira, elle ajusta nella como uma encospia em bota de dita.

E ajusta sem calços nem cunhas.

Com certeza elle sahio de dentro della.

E sahio de uma assentada, todo inteirinho e prompto já.

E' por isso que ella ficou ôca.

O enchimento era elle.

Entretanto ha suas differenças no feitio.

E' que ella por dentro não tem o mesmo feitio que tem por fóra.

Por isso elle sahio assim um tanto aspero e gretado.

Dahi aquella apparencia que elle tem.

E' um chromo-relevo, recortado á machina.

Isto como figura.

Como artista, é filho de sua mãe: foi feito para o theatro.

Tambem é o melhor trabalho della; é a sua primeira creação.

Cá fóra do theatro é outra cousa: é um homem como os mais.

Pouco crescido, é verdade, mas com bons fundos e boas larguras.

Sómente nota-se-lhe um defeito, que aliás
cumpre perdoar-lhe.

E' um defeito de raça, ou antes um vicio de
nascença :

Dá muito á lingua.

XXI

VALLE

E' possível que seja uma creatura.

Ha, porém, quem o duvide.

O mais que lhe concedem é que seja uma criação.

Com effeito, ha nesta figura certo que de phantasiioso.

Aquellas linhas abruptas, aquellas fórmãs angulosas, o contorno desigual, e certa phosphorescencia no ambiente que o rodeia, imprimem-lhe um cunho de natureza estranha.

Ha quem affirme.

(Não é a Sra. Ignez.)

... que elle tem mesmo o pé espalmado.

Ha de ser intriga de invejoso.

Ou de invejosa, o que ainda é peor.

Em todo o caso, a figura não é natural.

Não fôsse a fórmula, até certo ponto semelhante

á fôrma humana, seria um phosphoro desses de enxofre.

Que sahe fumaça quando o esfregam, isso sahe.
Sahe mesmo cinza.

O colorido desta figura é um colorido secco, embora quente.

Na preparação daquellas tintas não entrou oleo, com certeza.

O vermelho alli empregado dá idéa do urucú.

O branco é de cal de marisco mofada pela chuva.

O castanho dos cabellos lembra a alpaca preta desbotada.

A gente olha para elle, e acredita que esteja vasio.

Se o abrirem, encontram dentro só bagaço.

Parece um pepino murcho, uma espiga sem caroço.

Tudo isto, sem fallar no mais, faz duvidar que elle seja uma creatura.

Alli ha por força um apparelho que o sustenta.

Não é um homem, é uma gaiola.

Puchem o ponteiro, e hão de vêr que se desmancha todo.

Sem duvida, foi feito para servir em alguma magica.

Se elle houvera nascido, só pudera ser filho da Sra. Vicencia.

Dahi, quem sabe? talvez fôsse ella quem o amamentasse.

O leite transfunde ás vezes a parecença.

A parecença e outras mazellas.

Portanto, a ser elle um homem, alli ha leite da Sra. Vicencia.

Sé não é filho della, é enxerto com certeza.

Espremam um e outro, e vejam se não deitam ambos o mesmo succo.

Se é que ainda o têm para o deitar.

Entretanto, creatura ou não, bom artista, isso é elle... e tambem não é máo rapaz.

Influencia talvez do succo que mamou.

Pois ella tambem não é máo homem.

E sem influencia de succo algum.

No mais, passa elle vida alegre, folgada e quasi milagrosa.

Mas paga.

Tem entretanto um pezar, que ha de leval-o á sepultura :

E' haver por ahi quem diga que não é tão feio como o Sr. Cyriaco de Cardoso.

XXII

VASQUES

Tem uma historia esta figura.

Um dia, no theatro S. Pedro, tratava-se de moldar uma contra-figura em *carton-pierre*.

Estava o grude prompto, estava prompto o modêlo, mas faltava o papel.

Ao fundir a estatua de Jupiter, Benevenuto Cellini viu-se em iguaes apuros.

Não lhe chegava o metal em fusão, e elle não hesitou :

Lançou mão dos vasos, das joias que possuia, de todas as suas obras-primas, e atirou-as ao fogo.

João Caetano não hesitou tambem :

Abriu o armario onde se guardava o seu repertorio, e aos punhados foi dalli tirando quanto papel encontrou.

Eram dramas e comedias, eram tragedias e entremezes, eram farças e scenas-comicas.

Tudo serviu para moldar a figura.

E representou-se a peça a que ella era destinada.

Eis a historia, e eis a massa de que é feita esta figura.

Quanto ao feitio, não sahiu lá para que digamos.

Defeito do modêlo, e não da massa.

Uma ou outra fenda, uma ou outra excrescencia é o que se nota.

Elle, porém, sabe amoldar-se e tomar o feitio que deseja.

Desde o dia, entretanto, em que fez e representou o *Orpheu na Roça*, o feitio que mais lhe sabe é o de gallo.

Ao *co-co-ro-có* delle não ha franga que resista.

E a sua crista não se abaixa nunca.

XXIII

XISTO BAHIA.

Figura de grande machina, está allí, está pedindo um pedestal.

Só quando estiver trepado lá em cima, é que poderá ser devidamente avaliado.

Embaixo, é prejudicado no seu valor.

Feito a traços largos, colorido a brocha, só deve ser visto á distancia.

Lá para o Norte é que foi fabricado; e como se perdeu o segredo de sua composição, não se sabe de que é feito.

Em virtude, porém, da sua elasticidade...

(Pois que se estica, pois que se encolhe.)

... acredita-se que seja feito de borracha.

E tanto assim que, seja grande, seja pequeno o papel que representa, mette-se todo dentro do papel.

Representou um dia o papel de Inglez.

Se desde então não ficou sendo um actor
X P T O, London, com certeza ficou sendo o
actor X p T O Bahia.

e

FIM

CATALOGO

SALA N. 1

ACADEMIAS

	<i>Pags.</i>
I.—A actriz.....	11
II.—O actor.....	15
III.—O olho da actriz.....	19
IV.—O pé da actriz.....	23
V.—A mão da actriz.....	33
VI.—O pé do actor.....	37

SALA N. 2

DESENHOS DE FIGURA

I.—O galã.....	43
II.—A ingenua.....	47
III.—O pai nobre.....	51
IV.—A dama galã.....	55
V.—A dama central.....	59
VI.—O comico.....	63
VII.—A dama caricatã.....	67
VIII.—O tyranno—O cynico.....	71
IX.—A lacaia (soubrette).....	75

SALA N. 3

RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

I.—Adelaide Amaral.....	81
II.—Adelaide Pereira.....	83
III.—Amelia Gubernatis.....	87
IV.—Amelia Kerosene.....	94
V.—Anna Chaves.....	93
V.—bis Anna Costa.....	97
VI.—Apollonia.....	101
VII.—Aurora.....	105
VIII.—Balbina.....	109
IX.—Clelia.....	113
X.—Elisa.....	117
XI.—Francisca.....	121
XII.—Gilda.....	125
XIII.—As duas Helenas.....	129
XIV.—Henriqueta Tibáo.....	133
XV.—Henry.....	137
XVI.—Herminia.....	139
XVII.—Ignez Gomes.....	141
XVIII.—Isabel Porto.....	145
XIX.—Ismenia.....	149
XX.—Jesuina Montani.....	153
XXI.—Joanna Luvini.....	155
XXII.—Joaquina Passarola.....	159
XXIII.—As Julias.....	163
XXIV.—Leolinda.....	167
XXV.—Lucinda Simões.....	171
XXVI.—Maria Adelaide.....	175
XXVII.—Pepa Ruiz.....	179

XXVIII.—Rose Méryss.....	181
XXIX.—Rosa Villiot.....	183
XXX.—Velluti.....	185
XXXI.—Vicencia.....	189

SALA N. 4

CRITICOS, AUTORES E ACTORES

I.—A. de Almeida.....	195
II.—A. de Castro.....	199
III.—Amoedo.....	203
IV.—André.....	207
V.—Areias.....	211
VI.—Arthur Azevedo.....	215
VII.—Barbosa.....	219
VIII.—Brazão.....	223
IX.—Cyriaco de Cardoso.....	227
X.—Eugenio de Magalhães.....	231
XI.—França Junior.....	233
XII.—Galvão.....	235
XIII.—Guilherme de Aguiar.....	237
XIV.—Jacintho Heller.....	239
XV.—Julio Huelva.....	243
XVI.—Lopes Cardoso.....	247
XVII.—Medeiros.....	251
XVIII.—Pereira (do S. Pedro).....	255
XIX.—Primo da Costa.....	259
XX.—Silva P'reira.....	263
XXI.—Valle.....	267
XXII.—Vasques.....	271
XXIII.—Xisto Bahia.....	273

300 -

iv) 78

enc 2367 - to Lindlin -

S P



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).